

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. D.^ª Elisa, 50 — Caixa Postal 4848 — S. PAULO

ANO V

SÃO PAULO — SETEMBRO — 1942

NUM. 49



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

AVISO

A partir de 1 de Setembro, a Redação de "Resenha Musical" passará provisoriamente para a Rua Dona Eliza, 50 — Fone: 5-5971.

O presente número não é acompanhado de Suplemento Musical.

A Direção

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso e suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS:

FONES 5-4630 e 5-5971

Redação: Rua Dona Eliza, 50
Caixa Postal 4848

Galeria dos Mestres

III



"Resenha Musical"
— São Paulo —

M. Camargo Guarnieri
(Vide nota biográfica no verso)

Dados Biográficos

— de —

Camargo Guarnieri

Camargo Guarnieri nasceu em Tieté, Estado de São Paulo, a 1 de Fevereiro de 1907. Cedo iniciou os estudos de piano com seus pais e logo após veio para São Paulo, onde os continuou sob a direção dos professores Ernani Braga e Antônio de Sá Pereira. Com o maestro Lamberto Baldi estudou composição e regência. Suas primeiras composições datam de 1919, mas é em 1928 que suas obras revelam valor artístico. Toda a sua obra é caracterizada por um cunho acentuadamente brasileiro. Sendo um dos compositores mais moços do Brasil a sua bagagem é enorme, e na opinião do grande crítico e musicógrafo Mário de Andrade ... "é o melhor prolifonizador que a nossa terra já apresentou".

Embora a sua obra esteja ainda em grande parte inédita, já está muito vulgarizada no país e mesmo no estrangeiro. No segundo Festival Internacional de Música, realizado em Veneza em 1932, executaram vários dos seus trabalhos, logrando todos eles os melhores elogios da crítica. Artistas consumados como Cortot, Ruiz Diaz, Spivak, Rubinstein, Nadia Boulanger, Mieczysław Horowski, M. de Manziarly Charles Münch e outros têm manifestado verdadeiro entusiasmo pelas suas obras. Quando de passagem por aqui o grande pianista Alfredo Cortot, depois de examinar grande parte das composições de Camargo Guarnieri em carta ao então Governador do Estado de São Paulo disse: "... Foi-me dado, durante a minha muito breve estadia no Brasil, conhecer quase a totalidade de sua produção e eu não hesito em declarar que ela representa uma das mais pessoais manifestações musicais do nosso tempo e uma das mais características do gênio nacional brasileiro".

Camargo Guarnieri dirigiu concertos para a antiga Sociedade Filarmônica de São Paulo; é professor honorário do Conservatório da Baía; foi regente do Coral Paulistano do Departamento de Cultura desta Capital e, também, lecionou durante vários anos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Para o Departamento de Cultura tem dirigido diversos concertos sinfônicos.

Tendo ganho o concurso de prêmio de "Aperfeiçoamento Artístico", instituído pelo Governo do Estado, seguiu como pensionista para a Europa em 1938. Em Paris, Camargo Guarnieri trabalhou composição, orquestração, instrumentação e estética musical com Charles Koechein e regência de orquestra e coros com François Ruhlmann. Ainda em Paris realizou dois concertos de suas composições tendo alcançado grande sucesso de público e de crítica.

A convite da União Pan-Americana seguirá, no dia 16 de Outubro próximo, para os Estados Unidos da América, numa viagem de intercambio artístico-cultural pelo espaço de 6 meses.

Homenagem

Tendo completado a «Resenha Musical» mais um ano de vida, registramos aqui a satisfação de que deve estar possuído esse casal magnífico, o sr. Prof. Clovis de Oliveira e a Profa. Ondina F. B. de Oliveira.

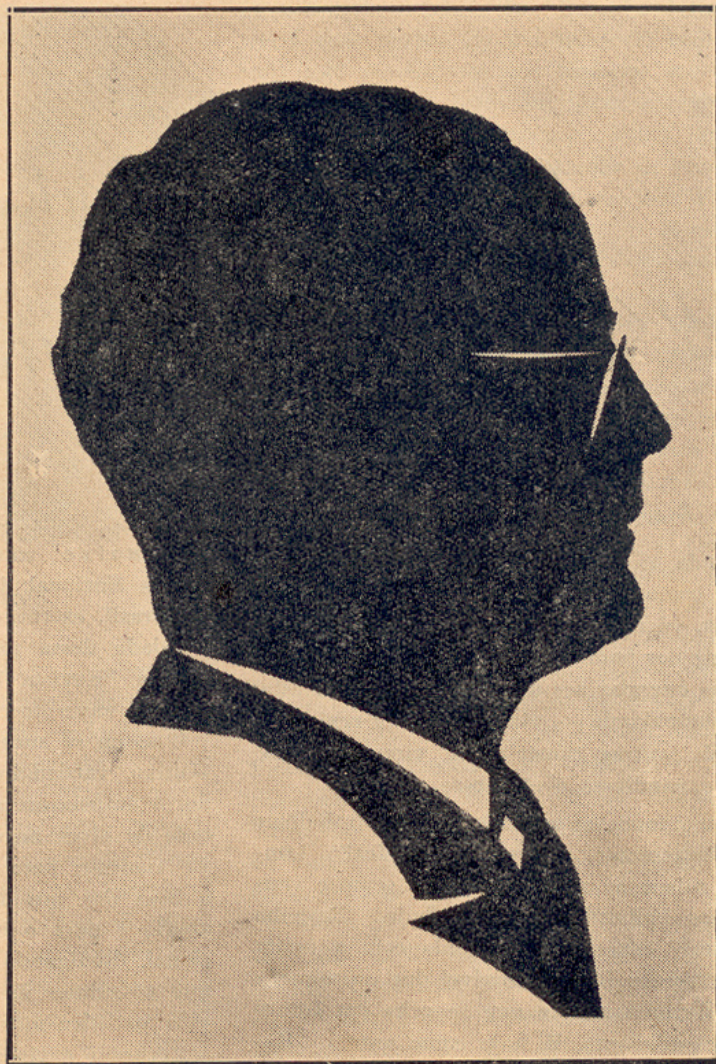
Já no Conservatório Dram. e Musical de São Paulo, jun-

tos ideavam planos para o lançamento de uma revista que de futuro receberia todos os seus cuidados, todos os seus pensamentos e energias e que mais tarde viria representar a expressão de cultura e arte do planalto piratiningano. E, porque, não dizermos também, do Brasil, uma vez que «Resenha Musical» dá guarida a publicações de colaboradores residentes em diversos pontos do país, provando assim a sua aceitação cada vez mais crescente?

Seu diretor é um incansável professor, fiscal do Conservatório «Sta. Cecília» da prospera Marília, colaborador eficiente de diversas publicações estrangeiras.

Esta filha dileta, tendo conseguido impor-se em nosso meio artístico, pela sua orientação clara e precisa, amparando os jovens valores, não servindo a quaisquer interesses pessoais, revela todo o carinho, visão, e cultura dos nossos distintos homenageados.

A. M. GODOY



Mais um aniversário da "Resenha Musical"

"Resenha Musical" nasceu em 1938.

Ainda não vai longe o Setembro de 38 que, como todos os meses da constelação de Libra, vê nascer a primavera, fonte de vida à vida dos homens, de novas esperanças e de novas energias aos que lutam pelo bem estar da humanidade —, viu nascer esta revista. E, depois, outras constelações, viram-na crescer, expandir-se e elevar-se.

Como todos os organismos que trabalham constantemente, "Resenha Musical" também sofreu as suas crises, mas sempre venceu-as galhardamente. E, hoje, "Resenha Musical" está se defrontando com a maior das crises, o flagelo horrível das consequências de uma guerra que se acha em franco desenvolvimento. E, hoje como ontem, "Resenha Musical" vencerá porque a sua vida está ligada a da causa pela qual nós nos batemos: a vitória do Brasil que é a nossa estremecida Pátria, a vitória dos nossos valerosos aliados que será a nossa vitória, a vitória da democracia! Portanto, assim vinculada, "Resenha Musical" vencerá e Deus abençoará o seu futuro como têm vigiado e protegido os seus dias.

"Resenha Musical" tem tido em sua vida o conforto sadio de todos os que mourejam na imprensa, nas artes e nas letras do país e do estrangeiro.

Quando "Resenha Musical" surgiu, no cenário da vida musical do nosso país, re-

cordemos: Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, o ilustre catedrático de Folclore da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, escreveu: "Faço votos pela prosperidade dessa publicação, única irmã que terá a "Revista Brasileira de Música, em todo o vasto território da República..."

E assim se sucederam os protestos de incentivo, verdadeiros e vigorosos influenciadores entusiastas que deram-lhe maior vontade de viver na esperança de alguma coisa realizar para o bem do Brasil, para o bem dos que lhe acolheram de coração aberto e para o bem do meio artístico nacional, divulgando lá fora, além fronteira, o que possuímos de mais precioso em a nossa vida artístico-musical.

Recordar é viver novamente, diz um brocardo. Recordemos, pois, nomes e palavras que sintetizam a nossa vida de poucos anos.

Vivamos, portanto:

o saudoso Barroso Netto; sr Renato Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ilustre musicólogo brasileiro: "Recebi os números deste ano da sua Revista e não quero deixar de felicita-lo por essa magnífica publicação, de tanto interesse para os estudos de música do Brasil. — "Resenha Musical" deve ser amplamente conhecida. Esforços dessa natureza são por tal forma uteis e são ainda tão raros que devemos todos contribuir para o seu maior êxito"; Frei Pedro Sinzig, Rio; violoncelista Iberê Gomes



Frutuoso Viana

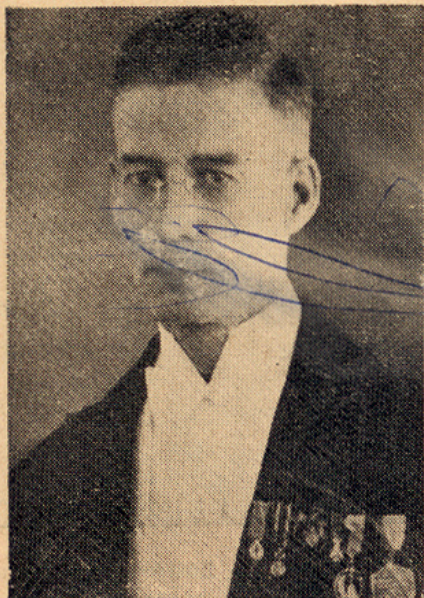
Grosso, Rio; compositor **Frutuoso Viana**: "Você é um trabalhador, meu caro, e merece o apôio de todos"; prof. **João Pereira de Castro**, diretor do Instituto Carlos Gomes, de Belém, Pará: "Nascido no cultural das letras e dos sons, nesse formoso pedaço do Brasil, a vitoriosa revista "Resenha Musical", que "nacionaliza, instrue e educa, pelo idioma e pela música do Brasil"; prof. **Lambert Ribeiro**, da Escola Nacional de Música: "Pela leitura da mesma estou convencido do relevante serviço que o ilustre patricio vem prestando em prol do desenvolvimento cultural e artistico no setor da mais sublime de todas as artes com profundo devotamento e respeito profissional. Quem procura exaltar a divina arte de Sta. Cecília, num ambito de dignidade e proficiência, merece os aplausos mais sinceros de todos. Com admiração sincera pelo brilho de sua inteligência envolta no mais puro sentido de brasilidade"; maestro **João Batista Julião**, diretor do Instituto Musical de São Paulo: "felicitando-o pela grandiosa realização tão util e estimavel a todos nós que procuramos acompanhar o desenvolvimento da arte musical do país; dr. **Camilo Gavião de Souza Neves**: "Pela sua variada

e escolhida colaboração "Resenha Musical" — é uma revista de indispensavel utilidade aos que se dedicam aos assuntos musicais, apresentada em brilhante aspecto material, revelando a inteligência e a cultura do seu ilustrado Diretor"; profa. **Amélia de Mesquita**, Rio; dr. **Ulysses Paranhos**, São Paulo; pianista **Arnaldo Rebêlo**, Rio; sr. **Bento de Abreu Sampaio Vidal**, São Paulo; maestro **Hostílio Soares**, do Conservatório Mineiro de Música, B. Horizonte; compositor **Guilherme Leanza**, Jaú; prof. **Samuel Arcanjo**, ex-membro do Conselho de Orientação Artística, do Conselho Técnico do Conservatório D. e M. de São Paulo; prof. **J. Silveira Santos**, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; sr. **Benedito Valadares Ribeiro**, d.d. Governador do Estado de Minas Gerais; prof. **José Wancolle**, São Paulo; profa. **Alice Serva**, São Paulo; professor **Domingos Raimundo**, da Escola Nacional de Música; professor **J. Otaviano**, da Escola Nacional de Música; prof. **Eurico de Araujo Costa**, da Escola Nacional de Música; maestro **Fabiano R. Lozano**, do Departamento de Educação de São Paulo; pianista **Maria dos Anjos de O. Rocha**, São Paulo, prof. **Sílvio de Souza**, diretor do Conservatório de Marília; dr. **Paulo Guedes**, do Instituto de Belas Artes de Pôrto Alegre; dr. **Flausino R. do Vale**, do Conservatório Mineiro de Música, B. Horizonte; prof. **Alfredo F. de Mattos**, Botucatu; prof. **Gumerindo Saraiva de Moura**, Natal; dr. **Maximino Corrêa**, Manaus; sr. **Teodoro Brazão e Silva**, Rio Branco, Acre; maestro **Paulo Russo**, Araras; sr. **Bruno Lunardi**, Jaboticabal; sr. **Arlindo Gomes**, sobrinho de **Carlos Gomes**, de Campinas: "Resenha Musical" pela sua feitura e o fim a que se destina, veio preencher uma grande lacuna em nosso meio, como um veículo de expansão cultural artistica musical, pela valiosa colaboração que encerra suas páginas e pelos ótimos ensinamentos que a mocidade estudiosa pode aí colher. "Resenha Musical" deve encontrar em cada leitor um amigo e dedicado propagandista, para maior engrandecimento da cultura musical de nossa gente"; pianista **Alonso**

Anibal da Fonseca, São Paulo; prof. **Aécio Santos Salvador**, Botucatú; pintor **Walter Silva**, Rio; profa. **Sofia Melo Oliveira**, São Paulo; profa. **Maria Amélia M. da Cunha**, diretora do Instituto Musical "Santa Cecília", de Santos; **E. S. Mangione**, editor, S. Paulo; dr. **Dalmo Belfort de Matos**, da Faculdade de Direito e da Sociedade Etnográfica de São Paulo; prof. **Miguel Zigglati**, diretor do Conservatório Musical Carlos Gomes, Campinas; **Pianos Brasil S. A.**, São Paulo; **Rotary Club** de Jundiaí; profa. **Maria L. X. Machado**, diretora da Academia de Música de Ponta Grossa; pintora **Sinha D'Amora**, Rio; sr. **Herbert Totz**, Rio; prof. **Artur Pereira**, do Conservatório de S. Paulo; **José Leite Sales**, presidente da Associação Lírico-Musical Brasileira, São Paulo; srta. profa. **Anita Castelan**, de Araraquara; sr. **Alfredo William Gibbons**, Itapetininga; **B. L. Bitencourt**, Belém, Pará; sr. **Rubens Borba de Moraes**, Diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo; **Biblioteca "Elias Lobo"** de Itú; dr. **C. A. Gomes Cardim Filho**, Secretário-Membro do Conselho de Orientação Artística e diretor do Conservatório de São Paulo; **Colégio dos Anjos**, Botucatú; profa. **Carolina Ribeiro**, diretora da Escola Normal Caetano de Campos, de São Paulo; **Instituto Musical Sta. Marcelina**, São Paulo; dr. **Elisário Fernandes de Araujo**, São Carlos; **Impressora Moderna Ltda.**, São Paulo; **Associação Brasileira de Compositores e Autores**; **Fábrica de Pianos M. Schwartzmann e Cia.**; profa. **Fortunata C. M. de Almeida**, Lins; dr. **Antônio Constantino**, diretor da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo; **Fábrica de Harmônicas**, São João da Boa Vista; maestro **Fúrio Franceschini**, S. Paulo; sr. **Francisco de Paola**, Rio Grande do Sul; sta. **Helena de Magalhães Castro**, presidente da Instrução Artística do Brasil: "É com grande satisfação sempre, que encontramos em qualquer parte a "Resenha Musical" que representa uma sua grande vitória. Ora, nós sabemos que as vitórias tem uma grande porcentagem de chance mas não desconhecemos quanto esforço é preciso despende e quanta força de vontade, para

se levar avante uma empreitada de arte. Se sua revista fosse de futebol não lhe daria parabens, porque ela não representaria mais do que um porta-voz de uma grande maioria. São Paulo está de parabens com a existência do terceiro ano da "Resenha Musical"; prof. **Heitor de Lemos**, Rio grande, R. G. do Sul; profa. **Julietta Teles de Menezes**, da Escola Nacional de Música; maestro **Jorge Kaszás**, Joinville; dr. **Augusto Meyer**, diretor do Instituto Nacional do Livro, Rio; sr. **J. Carlos Lisboa**, diretor do jornal "Mensagem", de B. Horizonte; maestro **J. Capocchi**, São Paulo; Pe. **Luiz Gonzaga Mariz S. J.**, Salvador, Baía; dr. **Luiz Pereira Campos Vergueiro**, diretor do Departamento Estadual do Trabalho, de São Paulo; dr. **Mário Clapier Urbinati**, Novra Granada: "Cousa interessante, de ha muito que eu a procurava sem saber como e nem porque, ignorando mesmo a sua existência. Necessidades espirituais que fazem procurar na fonte pura da arte um refrigério. Quantos leigos como eu amantes da bela e boa música não estarão na mesma situação? Quando nesse estado de espírito sempre procurei mas, nunca tive a felicidade de encontrar uma revista ou leitura, que viesse satisfazer essa necessidade. Assim é que ao lêr os números 30 e 31, fiquei radiante por encontrar o que ha muito procuro"; dona **Manoelita Monteiro**, Poços de Caldas; professor **Mário Camerini**, Rio; A "Resenha Musical" está sempre mais interessante, pela sua apresentação, seus artigos e suas informações, tornando-se uma ótima companheira dos artistas"; prof. **Milton de Lemos**, Pelotas; profa. **Nair Trancoso Pastore**, Birigui; sr. **Valdemar Coufal**, Pelotas; prof. **Rossini R. Dutra**, Piracicaba; prof. **Raul Lorangeira**, São Paulo; pintor **Wilson Tibério**, Rio; **Sociedade de Cultura Artística**, São Paulo; pintor **Franco Cenni**, São Paulo; dr. **Eschylo de Oliveira**; profa. **Irene Maurícia de Sá**; prof. **João Caldeira Filho**, do Conselho de Orientação Artística de S. Paulo; prof. **Reynaldo Teixeira de Andrade**, Juiz de Fora; prof. **J. Graça Teixeira**, Guaratinguetá; **Silveira Peixoto**, jornalista, S. Paulo; prof. **Jo-**

sé Kliass, São Paulo; prof. **Frederico De Chiara**, São Paulo; dr. **A. S. Moura Andrade**, São Paulo; dr. **Inácio Penteado da Silva Teles**, São Paulo; Colégio dos Anjos, Botucatu; maestro **Artur Bosmans**, diretor da Orquestra Filarmônica de Anvers; e muitos outros nomes que ilustram as artes do nosso país.



Prof. Emirto de Lima um dos mais brilhantes colaboradores desta Revista, reside na Colômbia, sua terra natal

Não podemos deixar de citar, os seguintes, do estrangeiro: prof. **Rodolfo Barbacci**, Lima, Perú; prof. **Emirto de Lima**, Colômbia; maestro **Guilherme Graetzer**, Buenos Aires; maestro **Juan Carlos Paz**, Buenos Aires; dr. **Carlos Frederico Ancell**, Buenos Aires; **Gilbert Chase**, Washington; **Ricordi Americana**, Buenos Aires; **Rodolph Holzmänn**, Lima, Perú; **Carleton Sprag Smith**, New York; professor **Francisco Curt Lange**, Montevideu; prof. **E. Guerrero**, México; **Ateneo Musical Mexicano**, México; **Music Educators Conference**, Chicago; **Revista Musical**, México; **The New York Public Library**, N. Y.; **Mundo Musical**, Buenos Aires;

Orientacion Musical, México; **Eco Musical**, Buenos Aires; etc.

Vamos reler agora, algumas das muitas notas que os jornais publicaram sobre a "Resenha Musical":

Do **Jornal da Manhã**, 29-9-39 — São Paulo: "Saúdamos com entusiasmo a "Resenha Musical", que a despeito de dificuldades enormes, vem trabalhando com estímulo glorioso de um ideal nobre, que é sem dúvida, nacionalizar, instruir e educar pelo idioma e pela música do Brasil".

Da **Revista Musical Peruana**, Janeiro, "Resenha Musical" — mensário de variada leitura e com secções interessantes sobre a vida musical paulista e nacional. É seu diretor o prof. **Clovis de Oliveira**, nome de positivo merecimento como expressão culta e viva na primeira fileira do magistério musical do Brasil".

Da **Revista Som**, Outubro, 1940 — Natal: 1940 — Perú: "Resenha Musical" — Brasil — Publicação ágil, cheia de interesse, dirigida pelo professor **Clovis de Oliveira**. Esta coleção nos produz uma impressão muito agradável, mescla de dinamismo e competência, idealismo e capacidade".

De "O Dia", Curitiba: "Resenha Musical" — Dedicada principalmente a assuntos musicais, mas com secções relativas também às artes plásticas e , literatura, a excelente revista, de cuidadosa fatura e contando com um corpo de colaboradores dos mais ilustres, recomenda-se, por si mesma, a todos os artistas e intelectuais, como veículo de propaganda artística em nosso país".

De "O Democrata", 6-4-40, — Jaboticabal: "Resenha Musical" já completou o seu primeiro aniversário; isso é motivo de júbilo não só para o seu diretor, que enfrentou e venceu todos os obstáculos, tão do nosso conhecimento, como para nós próprios que vimos seguindo desde o 1.º número os progressos dessa revista grande no que realiza".

Do "Botucatu — Jornal", 12-10-41: "Dirigida pelo jovem pianista, sr. prof. **Clovis**

de Oliveira, auxiliado pela sua digníssima esposa, profa. Ondina F. Bonora de Oliveira, ambos diplomados pelo conceituado Conservatório de São Paulo, essa magnífica revista musical tem vencido, galhardamente, os mais imprevistos obstáculos, e contribuído para a divulgação da boa literatura musical do Brasil e do estrangeiro. Do Rio de Janeiro, de localidades interioranas, quer deste estado e assim também de outros do país, "Resenha Musical" recebeu cumprimentos estimulados para o seu primeiro número editado ha quatro anos passados. E, já agora, arrostando dificuldades que desanimariam os mais obstinados, atenta às exageradas altas de material adequado à sua confecção técnica, "Resenha Musical" tem cumprido todas as suas promessas e agradado aos seus inúmeros leitores. O seu triunfo, portanto, é real e irretorquível. Merece ela os nossos parabens, porque, difundindo a nossa cultura artística, "Resenha Musical" é o eloquente atestado de patriotismo de seus diretores, por manter em nossa terra um veículo de progresso musical, que é, a um tempo, o testemunho da generosidade acolhedora de todos quantos têm colaborado para a sua proveitosa existência e o exemplo vivo de um ideal artístico". Alfredo F. de Matos.

Do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro: "Por serem tão raras as nossas publicações que tratam de música, é patrioticamente cultural sustentar aquelas que o fazem com animo destemeroso e, às vezes, com sacrifício. Temos presente o número de novembro de "Resenha Musical", a excelente revista dirigida pelo professor Clovis de Oliveira, que se dedica com tanto devotamento aos assuntos musicais". JIC.

Musicas para piano (2 ou 4 mãos), de Beethoven, Brahms, Chopin, Liszt, Schumann, Wagner e de outros, também p/ canto, ouvertures, etc. Vendem-se baratíssimos — 120 volumes juntos ou separados. Alam. Franca n. 573.

Arnaldo Estrela



Arnaldo Estrela, o ilustre pianista brasileiro consagrado vencedor do Concurso "Columbia Concerts", recebe os cumprimentos da gloriosa pianista Guiomar Novais

"Toda iniciativa que beneficie a arte e os artistas só pode ser louvada por estes. E o único desejo que se tem é de que progrida sempre.

Clovis de Oliveira e a sua esplêndida "Resenha Musical" são merecedores da simpatia e da colaboração daqueles que como ele, lutam por um futuro melhor para a música no Brasil".

São Paulo, 25-11-942

Arnaldo Estrela

(Ilustre pianista brasileiro detentor do prêmio "Columbia Concerts", de 1942)

A seguir transcrevemos dentre outros, artigos assinados por Andrade Murici, Enio de Freitas e Castro, Danilo, Otávio de Almeida, que escreveram sobre a "Resenha Musical" em seus órgãos de imprensa respectivamente: Jornal do Comércio (Rio), A República (Natal), Diário de Notícias (Pôrto Alegre) e Dom Casmuro (Rio).

Assim, também, diversos termos de visita assinados por ilustres personalidades encontram-se transcritos no presente número.

"Resenha Musical" sente-se orgulhosa pela oportunidade que teve de, recordando o seu passado, ter ouvido novamente as palavras de entusiasmo que lhe dedicaram os seus verdadeiros amigos e que ecoarão sempre frutificando, construindo, alevantando, expandindo, o pensamento condutor da "Resenha Musical", pensamento esse que se reflete em sua ação, tomado do mais acendrado espírito de brasilidade.

Nesta data auspiciosa da nossa vida, integrada na imprensa nacional, ergamos ao Senhor a nossa prece fervorosa para que a paz volte a reinar entre os homens e que harmonias celestiais inspirem e abençoem o futuro da humanidade!

PELO MUNDO DA MÚSICA

ANDRADE MURICI

Do "Jornal do Comércio"
19-8-42 — RIO

"Resenha Musical"

Um passado pessoal cheio de tentativas por fazer viver revistas culturais, entre nós, poderia levar-me a uma atitude de completo desengano e de ceticismo, no referente a essa matéria. O número de periódicos de caráter artístico criado no Brasil é prodigioso. E nem só aqui. As "petites revues" tiveram grande influência no advento do wagnerismo, do parnasianismo, do simbolismo e do modernismo francês. Aqui, é sabida a importância da "A Semana", de Valentim Magalhães, com a sua escancarada política do "elogio mútuo", para o advento do Parna-

sianismo e do Naturalismo. Os Simbolistas tiveram numerosas revistas, de títulos mais ou menos herméticos e misteriosos: "Rosa-Cruz", "Pallium", "Thebaida", o famoso "Cenáculo". Os modernistas? "Terra Roxa", "Revista de Antropofagia", "Estética", e a memorável "Festa". Revistas de arte, como "Renascença", tão brilhante, estão esquecidas.

De música, quantas, quantas foram fundadas: "Ilustração Musical", "Correio Musical", "Música", "O Mundo Musical", "Ariel", "Villa-Lobos"... e só uma persiste uma, esta tão modesta "Resenha Musical", heroicamente, teimosamente mantida por um simpático casal de músicos e professores: Clovis de Oliveira e Ondina F. B. de Oliveira.

Essa publicação benemerita sai em São Paulo, na rua Cons. Crispiniano, 79, 8.º andar, e está em vésperas de completar o seu quinto aniversário.

Cinco anos de existência, para uma revista especializada, e destinada aos amigos da música, é, entre nós, fabuloso. De duas uma: ou o seu diretor é um administrador excepcional, ou é um abnegado. E, aliás, pensando bem, deve ser, a um só tempo, as duas coisas.

Certo é que o prestígio da "Resenha Musical" cresce. Só pelo fato de ser "única" do seu gênero, já ela nos seria plenamente simpática. Em terra de rara produtividade musicográfica, é muito difícil manter elevado o interesse da colaboração especial. Isso tem acontecido até mesmo com a Revista Brasileira de Música, que é oficial. O trabalho intelectual, hoje, dadas as condições de vida, tem de ser remunerado. Já não é possível o mero amadorismo. Tempo gasto em escrever é, presentemente, tempo subtraído a complexidade alucinatória da vida de trabalho que todos levamos. Uma publicação especializada tem de ser, mais ainda do que outras, resultante de esforços difíceis e de penosa coleta de contribuições realmente valiosas. Creio interessante o sistema que encontro empregado em vários periódicos estrangeiros: o da tradução de material ali-

enígna, reforçado pela ocasional produção nacional. Mas não se pode exigir, e já é muito, porque o esforço de vulgarizar é meritório.

"Resenha Musical", tem inserido traduções. Estas poderão ser mais importantes do que a generalidade das que teem saído. Não há, porém, espaço, para ensaios importantes. Ali vemos, nos últimos números: "Mozart", de André Suarés; "De alguns músicos do Vale do Paraíba", de Carlos da Silveira; Notas várias sobre pintura; "O Fabulista da Tela", reportagem sobre Walt Disney, de Genésio Pereira Filho; uma série de "Impressões Norte-Americanas", do Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo; Crônica Musical da Cidade de Porto Alegre, de Paulo Luiz Viana Guedes; "Cururú", folk-song paulista, por Dalmo Belfort de Matos; "Artur Pereira, um compositor brasileiro", por Clovis de Oliveira; "Música para unir as Américas", por J. Leon Duddick; "Porque estudar o folclore", de Dalmo Belfort de Matos; "A Música Religiosa no Brasil", de Saraiva Filho; "A Tarefa do Pianista", de Henry Jolles; "Humanismo na Arte", de Hélio Duarte; "Etimologia do Frevo", do Prof. Joaquim Ribeiro; "Moléstias dos Violinistas e dos Pianistas", pelo Prof. Flausino do Vale; "Carnaval Pernambucano": Frêvo", de Mário Sette; "Columbano, o Pintor dos Intelectuais", de Albino Forjaz de Sampaio; "Peter Tchaikowsky", de Ernesto Mehlich; "História da Música Brasileira, de Renato Almeida", de Flausino do Vale; "Breve Estudo em Preto e Branco", de Eurico Nogueira França; "Três Paisagens Brasileiras por Frans Post", de Robert C. Smith Junior; "Vincent van Gogh", de Lucio Cardoso; etc.. Além dessa matéria, e de vários, e interessantes, suplementos musicais, secções de livros, de edições musicais e de concertos, e correspondências dos Estados, assinadas por vários autores.

É um quadro interessante esse, e tudo mostra que poderá enriquecer-se mais ainda. Louvável, também, a exata imparcialidade da direção em terra onde as paixões, no terreno da vida musical, vão até às re-

taliações pessoais, à falta da mais elementar elegancia de atitudes, ao desrespeito grosseiro pela opinião e pela autoridade até das mais consideráveis personalidades musicais do país.

RESENHA MUSICAL

DANILO

De "A República", Natal, 16-7-1942

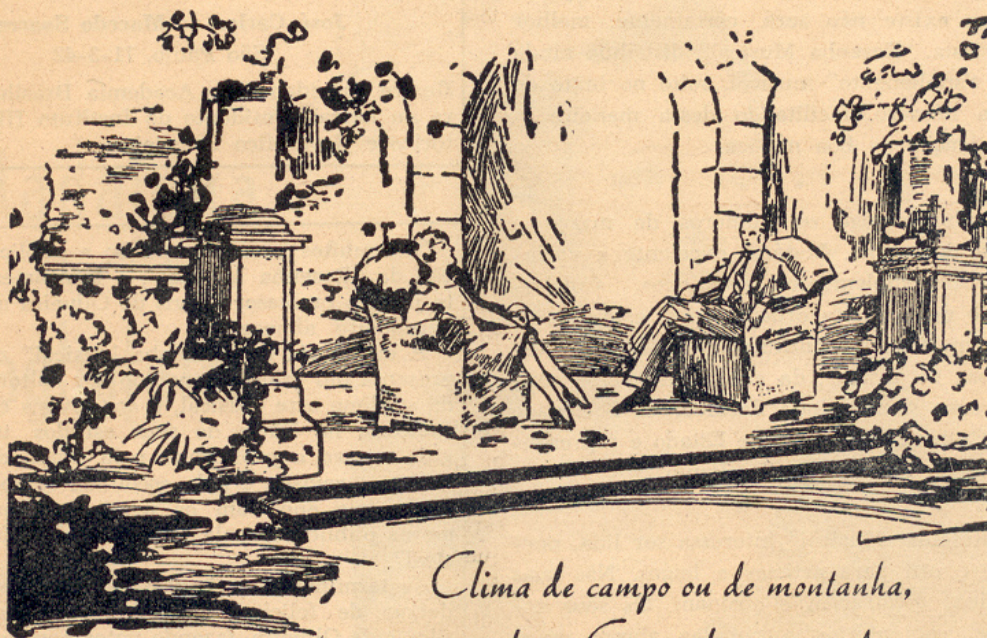
Não são muitas, pelo que sei, as revistas que no Brasil se dedicam à cultura musical. Grande, porém, tem sido o número delas, e uma das mais interessantes foi o "Rio Musical", que manteve no Rio de Janeiro, ha quasi vinte anos, uma superioridade brilhante entre as demais no país. Nesse mensário, ilustrado e cheio de ótimas páginas, que Pio Jardim dirigia e Dicesar Plaisant dava o melhor dos seus esforços e da sua inteligência, convivi por largo tempo com assuntos musicais, críticos e musicistas em evidência.

* *

A recordação desses instantes, que a distancia levou mas a memória deles nunca fugiu, ressurgem, numa homenagem bondosa ao passado, diante das revistas de hoje, que vêm também lançar a luz dos seus ensinamentos sobre o espírito musical da época. É uma tristeza, porém, pensarmos quanto é precário o trabalho nesse gênero de publicidade. Aqui tivemos "Som", revista trimesal de Valdemar de Almeida. Levou por todo o país e ao estrangeiro muita coisa da vida artística do Rio Grande do Norte, tornando-o mais conhecido e mais querido. Desse serviço, cuja vantagem como intercambio de cultura poucos compreenderam e estimularam, o diretor do nosso Instituto de Música possui em arquivo as melhores provas do seu valor e da sua necessidade.

* *

São Paulo mantém "Resenha Musical", circulando todos os meses, sob a direção do



Inscrições N.ºs. 8, 11 e 14, nas 2a, 4a e 5a Circ.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912

89. RUA LIBERO BADARO

professor Clovis de Oliveira, possuidor de vários diplomas e títulos, além de crítico de arte. Não sei com quantas publicações no gênero os paulistas contam. Se alguma outra existe não será, certamente, melhor que esta. "Resenha Musical" distribue ainda um "suplemento" musical, solto no texto de cada número, facilitando dessa maneira, a divulgação da boa música.

* *

Tenho comigo os números de março e abril deste ano. Matéria excelente e variada. Dois suplementos magníficos. Colaboração de primeira ordem. Entre esta encontro um trabalho intitulado "A Música Religiosa no Brasil", da autoria do nosso conterrâneo Gumerindo Saraiva, da Sociedade de Cultura Musical deste Estado e representante da revista de São Paulo.

* *

"Resenha Musical" interessa ser lida, porque é útil para artistas e leigos. Nas suas páginas esclarecem e ensinam. Os seus artigos, comentários e notícias abrem mensalmente diante dos leitores uma série de novidades que tornam mais completos e mais seguros os conhecimentos da arte musical.

"Clovis de Oliveira é uma das figuras mais destacadas nos ambientes artísticos do Brasil, tanto que a Associação dos Artistas Brasileiros do Rio de Janeiro, nomeou-o seu representante em São Paulo. Nada de estranhar, pois, que a sua "Resenha Musical" resulte sempre interessantíssima sob todos os aspectos da Arte.

Porém esta nossa admiração, estes nossos aplausos devem ser justamente compartilhados pela sua distintíssima senhora Ondina Bonora de Oliveira.

Sinto-me honrado pelo convite que estas duas simpáticas personalidades me fizeram para que também eu iniciasse as minhas colaborações na sua formosa "Resenha" a qual desejo um futuro sempre mais fulgurante".

São Paulo, 17-8-1942

Carlo Prina

(Brilhante crítico musical e literário).

"Resenha Musical" honra a cultura brasileira e dignifica os seus inteligentes e dedicados dirigentes".

José Carlos de Macedo Soares

São Paulo, 11-3-42

Ilustre Presidente da Academia Brasileira de Letras, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

"Ha muitos anos acompanho a publicação da "Resenha Musical", e francamente julgo o professor Clovis de Oliveira um verdadeiro abnegado.

A existência de "Resenha Musical" representa um grande benefício aos cultores da sublime arte musical, e aos jovens estudiosos, no início de seus estudos, um guia seguro e proficiente pela ótima direção da revista, e pela escolhida colaboração que encerram os primorosos números publicados pela útil "Resenha Musical".

Ao terminar estas impressões não posso deixar de felicitar o distinto professor Clovis de Oliveira, fazendo votos para que continue sempre a batalhar, vencendo sempre com galhardia, as lutas, que por ventura venha a sustentar pelo futuro.

São Paulo, 8 de Julho de 1942

Armando Bellardi

(Abalizado maestro, Diretor da Orquestra e do Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo, Presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais e Membro do Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo).

A "Resenha Musical" representa um esforço muito simpático, merecedor de toda a cooperação possível.

Assim, pois, formulo, para a interessante publicação, os meus melhores votos.

Parabens a Clovis de Oliveira e a sua dedicada colaboradora D. Ondina, aos quais felicito sinceramente.

São Paulo, 14-XI-1941

Carlos da Silveira

(do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

Madalena Tagliaferro

grande pianista uni-
versalmente conheci-
da que, desde o seu
regresso ao Brasil,



têm atuado com invejável brilho em e de alta virtuosidade, e com a sua
inesquecíveis recitais, contribuindo vastíssima cultura musical, para a
com os seus cursos de interpretação formação da nova geração de artistas
brasileiros.

"Resenha Musical"

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ

Em visita à redação de "Resenha Musical", que mensalmente afirma a nossa capacidade de organização — com uma constância ainda não atingida por nenhuma outra publicação desse gênero, em nossa terra, exceptuados os 7 anos tão irregulares da "Revista Brasileira de Música", que tem facilidades oficiais para a subsistência — manifesto a minha admiração, já tantas vezes reiterados, pela obra de divulgação cultural que a "Resenha" tem cumprido e junto, nesta mesa, a que me inspira o ambiente tão acolhedor, tão refinadamente artístico e tão revelador de trabalho sério e seguro de seus objetivos.

São Paulo, 29-1-1941

(aa.) **Luiz Heitor Corrêa de Avezedo**
Camargo Guarnieri
Artur Pereira
Jorge Kaszás

"Minha visita à redação de "Resenha Musical" é a realização de velho desejo, porquanto, desde que me foi dado conhecer essa excelente revista, que tanto vem contribuindo em prol da cultura musical de nossa terra, passei a ser um admirador incondicional de seus dedicados dirigentes, que, não medindo sacrifícios, vêm mantendo e cada vez mais aumentando o prestígio de tão útil revista. Felicito sinceramente o ilustre prof. Clovis de Oliveira e sua exma. senhora profa. Ondina F. B. de Oliveira pela sua valiosa contribuição ao desenvolvimento de nossa cultura musical".

São Paulo, 30-6-1942

Edgard Chalbaud Sampaio

(Ilustre lente da Academia de Música do Paraná e da Faculdade de Direito de Curitiba)

A "Resenha Musical" é um dos únicos centros onde se divulga e se trabalha no sentido de engrandecer a arte musical do Brasil.

São Paulo, 4-11-1941

Marcelo Tupinambá
(Dr. Fernando Lobo)

"Louvo com toda a sinceridade os seus esforços pela valiosa "Resenha Musical", que venho de conhecer técnica e artisticamente. É uma organização de incontestável valor e nós artistas muitíssimo devemos à sua iniciativa triunfante".

São Paulo, Dezembro de 1940

Valdemar Henrique

"Aos vencedores da interessantíssima e muito instrutiva "Resenha Musical", os distintos professores sr. Clovis de Oliveira e exma. senhora, os meus sinceros e carinhos votos de constante e merecido desenvolvimento".

São Paulo, 17-IV-942

L. Wetterli

(Presidente da Associação Coral e Sinfônica de São Paulo)

"O mais alto elogio que me ocorre, ao falar da "Resenha Musical", é dizer que, no Rio de Janeiro, estamos em condições de invejar esta publicação, pela unidade que confere aos esforços dos nossos musicistas, do Brasil inteiro. Nada mais necessário, no momento presente, que a atividade crítica, honesta e bem orientada. O Prof. Clovis de Oliveira, com a brilhante "Resenha Musical", segue este caminho, que alcançará por fim o "ideal de todos nós", sintetizado na seleção de valores e em bem orientar a opinião pública".

São Paulo, 15 de Junho de 1942

Eurico Nogueira França

(Emérito crítico musical)

Com mil felicitaciones por la excelente labor cultural.

Hugo Balzo

Agosto-1941

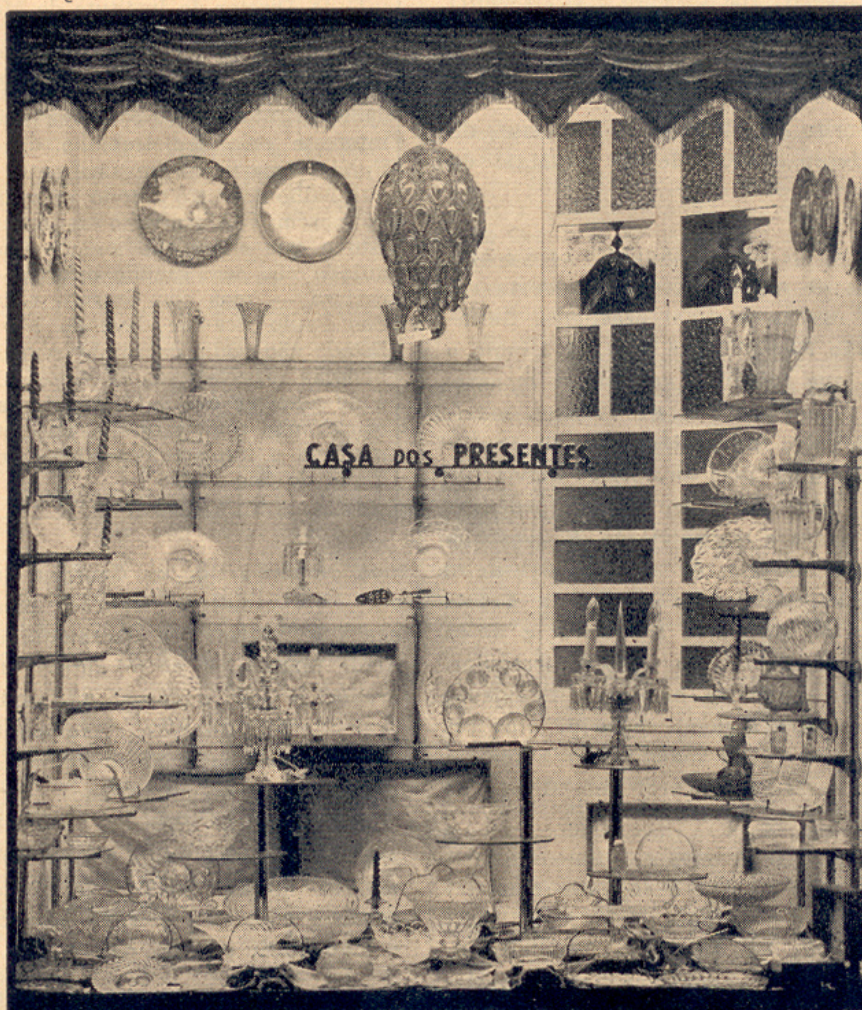
(Insigne pianista uruguaio)

To the "Resenha Musical" with all best wishes.

Poldi Mildner

16-X-1941

(Famosa pianista)



**Não façam suas compras de Louças,
Vidros, Cristais da Bohemia, Porcelanas,
Fayences, sem primeiro visitar a**

Casa dos Presentes

Fundada em 1870

Largo São Francisco, 66 :: S. Paulo

"RESENHA MUSICAL"

ENIO DE FREITAS E CASTRO
do Instituto de Belas Artes
de Pôrto Alegre.

(Transcrito do "Diário de Notícias", de Pôrto Alegre, edição de -9 de Maio de 1942).

Acabamos de ser distinguidos com o oferecimento de alguns exemplares desta esplêndida revista musical brasileira. Editada em São Paulo, desde 1938, já atingiu o n.º 43, o que constitui verdadeiro recorde, no Brasil, em matéria de revistas musicais. Iniciativa particular, fundada, mantida e dirigida pelo professor Clóvis de Oliveira, que é também o seu principal redator, aparece mensalmente. E constitui caso único no país. A "Revista Brasileira de Música", publicação oficial da Escola Nacional de Música, é trimestral e ainda assim de aparecimento muito irregular. Este fato demonstra bem as dificuldades existentes para a manutenção de uma revista de arte, e dá maior valor ainda ao meritório esforço do professor Clóvis de Oliveira.

O número de março, o último que nos chegou às mãos, traz a seguinte matéria: — "R. M." nos Estados Unidos. — Visita do Presidente da Academia Brasileira de Letras, sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares à "R. M.", — a continuação dos importantes artigos do professor Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (catedrático de folclore da Escola Nacional de Música) subordinados ao título "Impressões Norte Americanas), — "Artur Pereira", um compositor brasileiro, por Clóvis de Oliveira. — "Música para unir as Américas", por J. Leon Duddick (presidente da Divisão do Centro Norte da "Music Educators Nacional Conf."). — "Porquê estudar Folclore", por Dalmo Belfort de Mattos (da Faculdade de Direito e da Sociedade de Etnografia e Folclore) — e ainda secções sobre "Concertos", "Artes Musicais", (acres-

Do prof. Waldemar de Almeida
D. D. Diretor do Instituto de Música de Natal:

"Recebo "Resenha Musical" desde o seu aparecimento. Cresce cada vez mais o meu interesse pelo seu trabalho de gigante. Fundar uma revista musical entre nós não é trabalho do outro mundo; do outro mundo porém é o trabalho de mantê-la. É isto o que o prezado amigo vem conseguindo não sem grande esforço — tenho certeza — mas com imenso entusiasmo. São Paulo fica-lhe devendo isto. O seu Estado não podia continuar sem uma publicação especializada em música. O que é de admirar é que conseguiu fazer boa cousa, uma revista que se apresenta bem material e intelectualmente — realização digna de São Paulo".

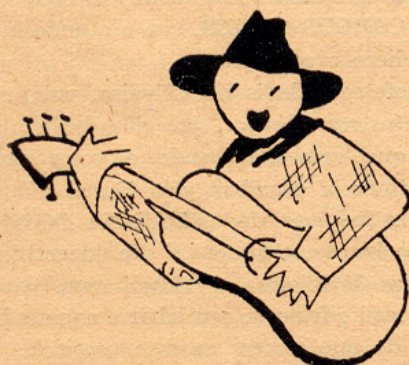
cida de um artigo de Georges Grappe sobre "A escultura francesa contemporânea") e "Várias", o necrológio do crítico Artur Macedo, e entre outros clichés reproduções de quadros do pintor suíço Jean-Pierre Chabloz. Acompanha igualmente a revista o XI Suplemento Musical (Interlúdio para um bailado) — (Jogos infantís, de Atur Pereira) em nitida impressão musical. Em outros números da revista figuram secções de rádio, curiosidades e edições musicais, bem como correspondência do Rio de Janeiro.

Vê-se, facilmente, que a "Resenha Musical" não se limita à música — é sim uma verdadeira revista de arte, e se coloca decididamente a serviço da música nacional e dos ideais de fraternidade interamericana. A matéria que publica é a mais variada possível e excelentes colaboradores. De sua aceitação e divulgação dá-nos idéia a grande cópia de importantes anúncios que contém.

A apresentação tipográfica é boa. Entre os colaboradores, além dos já citados, encontramos, dr. Paulo Guedes (Pôrto Alegre), Genésio Pereira Filho, Silveira Peixoto, prof. Samuel Archanjo dos Santos,

Franco Cenni, André Sás (Perú), Padre Luiz Gonzaga Mariz, S. J., Valdemar de Almeida (Rio Grande do Norte), Amadeu Amaral Junior, Souza Lima, professora Ondina F. Bonora de Oliveira, Joffre David, Angelo Camin, dr. Eurico Nogueira França (Rio), Camargo Guarnieri, Barros — o Mulato, Rodolfo Barbacci (Perú), professor Artur Pereira, Carlos da Silveira, A. Melo Godoi e muitos outros.

Todos os musicistas brasileiros ansiavam por certo por uma revista sem vida efêmera. Parece que o professor Clovis de Oliveira "acertou a mão", como diz o vulgo. E são quase exatas as palavras do Embaixador Macedo Soares: "R. M." honra a cultura brasileira e dignifica os seus inteligentes e dedicados dirigentes". Digo "quase exatas" porque não só a "cultura brasileira" é honrada, também o espírito de iniciativa, a perseverança e fidelidade a um ideal, índices do poder da vontade do homem culto e de ação. E isso é altamente significativo quando há quem considere o brasileiro como fruto de raça inferior... Digo também "quase exatas" porque não "dignifica" apenas "os seus inteligentes e dedicados dirigentes" mas dignifica igualmente os seus leitores e anunciantes. Uns e outros, tenho certeza, procuram conciliar seus próprios interesses com o supremo interesse de manter no Brasil uma revista artístico-musical a serviço de nossa cultura e de nossa nacionalidade.



"RESENHA MUSICAL" VENCEU!

OTAVIO DE ALMEIDA

Do "Dom Casmurro", Rio 4-7-42

Entre nós, as boas iniciativas em prol da Arte, quer seja da arte pitórica, musical ou literária, são sempre sustadas, geralmente quando estamos nos aproximando do ápice. Se fossemos passar um olhar retrospectivo em tudo de bom e útil que temos feito, no que concerne a Arte, encontraríamos no Rio, em São Paulo e diversas outras capitais do país, um amontoado de organizações artísticas não somente ao que diz respeito a publicações sobre literatura, música, pintura ou escultura, como também às agremiações de arte para educar o povo, através de conferências, exposições, audições, concertos e recitais.

Quem é que não se lembra da Filarmônica do Rio de Janeiro? Da revista "Mundo Musical"? Da Orquestra da Escola Nacional de Música? Das revistas "Som", de Natal e "Dom Fuas", de Recife?

Tudo desapareceu como por encanto. No Rio, temos apenas um jornal literário, o DOM CASMURRO, graças a Brício de Abreu, e uma revista musical "Revista Brasileira de Música", órgão oficial da Escola Nacional de Música. De cinco anos para cá, muitas foram as publicações que apareceram e desapareceram. Uma entretanto, resistiu heroicamente como um soldado troiano. Referimo-nos naturalmente, a "Resenha Musical", aparecida em 1938, editada na capital bandeirante. O esforço e a tenacidade do professor Clovis de Oliveira, enriqueceram São Paulo com uma publicação que por suas altas finalidades artísticas, constitui de certo, orgulho para o meio musical paulista.

O último número de "Resenha Musical", que temos em mãos, apresenta-se como sempre fartamente ilustrado, ilustrado sim, através das penas de Flausino do Vale, Mario Sette, Albino Forjaz de Sampaio, Ernesto Mehlich e outros. Traz ainda palavras encomiásticas de Enio de Freitas e Castro, (do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre), notas, críticas e comentários de Clovis de Oliveira e Artur Melo Godói.

O professor Clovis de Oliveira merece parabéns.

"Resenha Musical" venceu!

RESENHA MUSICAL

Moacyr de Barros Mello

Transcrito do "Comércio e Indústria" — 5-11-40 — S. Paulo

Quando verificamos que, na imprensa especializada, uma publicação, pelo esforço de seu diretor e acolhida de seus leitores, consegue triunfar, ficamos sobremaneira satisfeitos. Satisfeitos, sim, porque temos visto dezenas de pessoas, também bem intencionadas, que se sacrificam para obter leitores para sua publicação, e, às vezes, não obtêm o resultado merecido: perdendo a coragem, ou porque não dispõem de recursos, abandonam o trabalho, quasi sempre com alguma má-gua, decepcionados.

E é por isso que, como dissemos de início, quando nas lides jornalísticas, vemos triunfo de uma revista, já sabemos dos sacrifícios por que passaram os seus fundadores ou o seu diretor.

Ainda, agora, recebemos um exemplar da magnífica publicação **"RESENHA MUSICAL"** editada e dirigida pelo Prof. Clovis de Oliveira, intelectual bastante apreciado em nossa terra.

O numero, em apreço, se refere às festividades havidas na redação da revista, por ocasião do seu II aniversário, quando se inauguraram, também, as suas novas instalações e o retrato do Dr. Getulio Vargas, D.D. Presidente da Republica.

Trata-se de uma publicação estritamente dedicada à musica, à arte e à literatura.

Está consagrada em todo o Brasil, como sendo uma revista indispensavel a todos quantos se dedicam à arte de Mozart, Bach, Beethoven, Chopin, etc..

"RESENHA MUSICAL", como frizou o Professor Clovis de Oliveira, seu diretor, "pequena que era, se avoluma, cresce, agiganta-se sob o incremento e influxo de um ideal que não lhe é fitício, porque origina-se dele, viverá dentro dele e o defenderá sempre, difundindo-o tanto quanto possível:

Homenagem



Antônio Parreiras, grande e saudoso pintor brasileiro

Nacionalisar. instruir e educar, pela musica e pelo idioma do Brasil".

"Quem esse ideal abraça, persistente e dedicadamente, não pode falhar, ao contrario, vence, como venceu o nosso confrade Clovis de Oliveira.

Conta, ainda, **"RESENHA MUSICAL"**, com quadro de colaboradores dos mais brilhantes em nossa terra.

O numero que temos em mãos e que se refere aos meses de Julho a Setembro deste ano, além de ótima colaboração e noticiario, insere, em sua capa de frente, o retrato do insigne e prateado campineiro, o grande maestro **CARLOS GOMES**, que o mundo inteiro conhece e consagra.

Ao Professor Clovis de Oliveira, pois, os nossos efusivos abraços, por tão brilhante vitória, que vem alcançando e votos por que continue a espalhar pelo Brasil afóra, através as páginas de **"RESENHA MUSICAL"**, os bons ensinamentos e a incentivar os artistas brasileiros a trabalharem para dar ao Brasil o fruto do seu labor e ao mundo a prova do que somos, na arte musical.

Periódicos Musicais no Brasil

Transcrito do n. 11/13, de
Transcrito do n. 11/13, de
1939

Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo
Rio, 9-9-39

O Brasil tem se desforrado dos três séculos em que o prelo era considerado instrumento de perdição, pela prudente administração colonial portuguesa, multiplicando, em sua vida independente, a circulação de periódicos de toda espécie, almanaques, revistas ou jornais. Muitos jornalecos, sobretudo... No terreno da música nada ficamos a dever a essa febre publicitária. Não têm conta as revistas musicais de todos os pontos da terra brasileira, com as mais diversas denominações e os mais variados formatos. Apenas num particular todas elas coincidem: serem muito impotuais e de existência incapaz de ultrapassar a infância. Quantas não ficaram no primeiro número?

Poderá, à primeira vista, parecer mau gosto falar de semelhantes malogros no número comemorativo do 1.º aniversário desta simpática "Resenha Musical". Mas é justamente porque esse número é comemorativo do 1.º aniversário de uma revista que se impôs, que num ano de modesta existência firmou seus direitos à estabilidade, é justamente por isso que não me parece importuno recordar, aqui, tantas tentativas sem consequências, tantos números únicos, tanta boa vontade desiludida. Há na "Resenha Musical" um traço inconfundível, que a opõe a todo esse grupo efêmero de publicação

con gêneres: é a sua marcha ascendente, partindo de um número inicial extremamente despretencioso e pouco a pouco aumentando o volume de suas páginas, o interesse da matéria publicada, o seu aspeto gráfico, etc.; ao passo que naquelas outras publicações a que me refiro o melhor número é sempre o primeiro. A partir do segundo começa a decadência. Não falo de corda, pois, em casa de enforcado...

Nem pretendo apontar, no curso deste pequeno artigo, escrito ao correr da pena sem recorrer a investigações especiais, todas as revistas ou jornais musicais que já circularam no Brasil. Limito-me a mencionar os que conheci, principalmente os de meu tempo, no Rio de Janeiro. Outros, dos Estados ou de épocas remotas, são objetos de relação mais lacunosa; cito, apenas, os que tive ocasião de manusear, em pesquisas anteriores, ou possuo em minhas modestas coleções. Este artigo, portanto, está longe de ser um ensaio bibliográfico sobre a imprensa musical no Brasil; é apenas um artigo escrito com a maior boa vontade, para a mais simpática das revistas de música, a pedido do mais cativante dos diretores.

* * *

M. Moreira da Silva, no seu estudo sobre **A música no Brasil**, publicado em dois nú-

meros da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA comemorativos do Centenário da Independência (1) relaciona 15 publicações diversas, aparecidas nas cidades de Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belem e São Paulo. Entre elas, porém, inclui, evidentemente, algumas coleções de modinhas ou peças musicais diversas, de aparição periódica, como foram a ABELHA MUSICAL, O BRASIL MUSICAL (não a revista desse nome, editada no Rio de Janeiro, por Felício Mastrangelo, de 1923 a 1927, mas a coletânea de música dos editores Filippone & Cia., desta mesma cidade), A LIRA DO TROVADOR ou o RECREIO DAS JOVENS PIANISTAS. O RAMALHETE, que Rafael Coelho Machado editou no Rio de Janeiro, de 1843 a 1848, deve estar nesse caso, e a ABELHA MUSICAL, a que acima me referi, lá figura, também (2).

Essa relação de Moreira da Silva dá como sendo a revista musical mais cedo aparecida em nossa terra (excluindo o já citado RAMALHETE, cujo título mais parece indicar uma coletânea de Música) o FILO HARMONICO, que teria circulado em 1855, no Rio de Janeiro. Nunca vi exemplares de tal publicação. Em 1861, entretanto, sei que aqui se publicava uma GAZETA MUSICAL, dirigida, segundo Moreira da Silva, por Soland de Chirol. Outra revista com esse nome havia de circular anos mais tarde, também no Rio de Janeiro, sob a direção de Alfredo Fertin de Vasconcelos e Inácio Porto Alegre; durou de 1893 a 1895 e sua coleção é um importante depósito de documentos relativos à nossa vida musical naquele período. Antes, porém, uma outra publicação, que circulava em 1879 e 1880, havia tido a mesma importância em nossa vida musical; é a REVISTA MUSICAL DE BE-LAS ARTES, editada pela casa de música A. Napoleão & Miguéz. Em suas páginas se encontram, entre muitas outras matérias valiosas, os importantes estudos de André Rebouças sobre Carlos Gomes e do Visconde de Taunay sobre o Padre José Mauricio.

Não conheci a ARTE MUSICAL que, segundo o autor citado, foi publicada, no Rio

de Janeiro, de 1892 a 1893, pela casa editora Bevilacqua. O RIO MUSICAL surgiu por volta de 1922 e teve curta existência. Mais duradoura foi a REVISTA MUSICAL cujo início coincidiu com aquela e que em 1928 ainda vinha quinzenalmente à luz, estampando, de envolta com umas poucas páginas de colaboração ou editoriais, as músicas populares de mais seguro sucesso durante o mês: tangos, foxs, valsas, etc.: na sua fase áurea tivera como Diretor Artístico o prof. Otávio Bevilacqua. Em 1923 inicia-se a publicação do BRASIL MUSICAL, a mais suculenta e a mais movimentada das nossas publicações especializadas dessa época. E' órgão oficial da Sociedade de Cultura Musical, que por esse tempo animava com seus concertos a vida artística da cidade: passou por diversas fases, ostentando, em cada uma delas, formato e aspeto gráfico diversos. Extinguiu-se em 1927, tendo publicado 59 números.

Depois dessa época é WECO, revista da Casa Carlos Wehrs & Cia., dirigida por Luciano Gallet, que centraliza nossas atividades musicográficas. Seu primeiro número é de Novembro de 1928; seu número derradeiro veio à luz em Abril de 1931. Era uma revista de pequeno formato e apresentação gráfica insinuante. Em 1930 surge a mais bem feita de todas essas publicações: é ILUSTRAÇÃO MUSICAL, dirigida por O. Lorenzo Fernandez, cujo número inicial aparece em Agosto desse ano. Tem aspeto luxuoso e excelente colaboração; mas apesar da perfeita organização comercial de que dispunha foi obrigada a dar seu último número em Março de 1931.

Em 1932 aparece a REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICA, que realiza um tipo diferente de periódico musical: a revista de alta cultura, sem estampas, sem concessões ao público, austera como um livro de estudos. Fundei e dirigí essa revista durante dois anos. Em 1934 ainda apareceram dois números do seu III ano, coordenados por outro diretor. Essa modesta revistazinha, criada pela Associação Brasileira de Música para não ficarmos priva-

dos, no Brasil, de uma revista especializada, o que seria verdadeiramente vexante para a nossa cultura musical, extinguiu-se para dar lugar à mais importante de todas as publicações do gênero até então tentadas no Brasil: a REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, publicada pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, felizmente ainda em curso, achando-se, já, no sexto ano de publicação. Também aqui estamos diante de uma revista-livro, sem atrativos para o leitor mais superficial, que se limita a contemplar as gravuras ou tomar conhecimento do noticiário artístico internacional. É uma coletânea de estudos e ensaios ori-

ginais, indispensável, hoje, na estante de todos os amadores de música ou pesquisadores de coisas brasileiras.

Em 1934 surgiu uma revista luxuosamente apresentada mas cuja existência não passou além do no. 12 (Maio de 1935); refiro-me à CULTURA ARTÍSTICA, órgão da Sociedade desse nome, no Rio de Janeiro. Particularidade curiosa: essa publicação levava o seu cosmopolitismo a ponto de ser redigida conjuntamente em português, francês, inglês e, sobretudo... alemão. Seus números tinham mais o caráter de um catálogo de arte do que, propriamente, de uma revista de música.

EMPRESA

Construtora Universal Ltda.

Filiais em todos os Estados e Agências no interior

Rua Libero Badaró, 103-107 — Tel. 2-4550

Endereço Telegráfico: "Construtora"

Caixa Postal 2999 — São Paulo

Editados pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Música tivemos dois jornaizinhos musicais de efêmera duração: O ESTUDANTE DE MUSICA (1933) e MUSA (1936). Nesse último ano tivemos dois números de uma nova revista, muito bem apresentada, porem ainda menos constante do que suas antecessoras: MUNDO MUSICAL.

Isto quanto ao Rio de Janeiro. Nos Estados, São Paulo, naturalmente, se encontra na vanguarda de iniciativas de tal natureza. O citado estudo de Moreira da Silva refere-se às seguintes: MUSICA PARA TODOS, CORREIO MUSICAL, A ILUSTRAÇÃO MUSICAL, ABELHA MUSICAL E BRASIL MUSICAL. Dessas conheço apenas a primeira. Não vêm citadas na relação, entretanto, A MUSICA, quinzenário surgido em 1896, nem a GAZETA ARTISTICA, que teve invulgar duração, pois seus números foram publicados de 1909 a 1914, sob a direção de Augusto Barjona.

Uma das melhores, publicações musicais brasileiras foi, indubitavelmente, ARIEL, iniciada em 1923, na paulicéia, sob a direção do prof. A. de Sá Pereira. Nesse mesmo ano São Paulo via surgir um outro periódico do gênero: MUSICA, órgão da Sociedade de Concertos Sinfônicos. VIDA! MUSICAL e HAMONIA foram jornaizinhos surgidos em 1932 e não continuados em virtude dos trágicos acontecimentos desse ano. O primeiro, de que ficaram dois números, era "órgão da classe musical de São Paulo". De HAMONIA tiraram-se quatro números. Em 1936 o editor J. Capocchi iniciou a publicação de um mensário dedicado aos interesses da arte sagrada; intitulava-se MUSICA ECLESIASTICA e dele foram publicados apenas alguns números.

Presentemente edita-se em S. Paulo o NOTICIÁRIO RICORDI, folha de propaganda da Casa G. Ricordi, redigida pelo Cav. Umberto Marconi; publica informações muito uteis sobre a vida musical brasileira.

Em Recife, por volta de 1930, a Sociedade de Cultura Musical editava uma pequena revista, extremamente simpática, intitulada CULTURA MUSICAL.

Em natal edita-se, desde 1936, uma das mais constantes e das mais... feias revistas do Brasil: SOM, dirigida por Luiz da Câmara Cascudo e Waldemar de Almeida; seus números, no entanto, encerram frequentemente ótimas colaborações.

Na Baía os componentes de uma associação estudantil do Instituto de Música dirigido pelo emérito prof. Sílvio Deolindo Fróis, publicaram alguns números de um jornalzinho sugestivamente intitulado PRELUDIO.

E, para terminar, não quero deixar de citar outras publicações relacionadas no estudo de Moreira da Silva, porem cujos números não conheço: em Porto Alegre O GUARANÍ (1887 e 1890) e O PROGRESSO (1887 a 1890); em Belem do Pará uma GAZETA MUSICAL.

- 1) M. Moreira da Silva, **A música no Brasil**. Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, Setembro e Outubro de 1922.
- 2) Sobe a reserva de que a ABELHA MUSICAL minha conhecida é uma coletanea dos editores Sucessores de P. Laforge, do Rio de Janeiro, ao passo que Moreira da Silva menciona tal título para uma publicação de São Paulo.

Dr. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 horas
R. João Bricola, 46 - 5.º - s. 534-535
Fone: 2-3314

Prof. Samuel Archanjo dos Santos

Piano — Harmônia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba, 830
Fone 5-1434 — São Paulo

O Violino

Para a "Resenha Musical"

Flausino VALE
Do Conservatório Mi-
neiro de Música

Aquele que é incontestavelmente o rei da orquestra e, quiçá, de todos os instrumentos, exerce seu domínio há mais de quatro séculos no mundo musical e, o que é mais de admirar-se, já nasceu imperando. Não hesitamos mesmo em asseverar que o seu reinado é eterno, e ninguém lhe arrancará o cetro, por isso que é o violino, talvez, o único instrumento que de há muito atingiu a suma perfeição; todos os outros estão sujeitos a transformações; ele não; do alto de seu régio trono assiste o deperecimento de muitos de seus velhos súditos, bem como surgirem novos. Sua bela voluta é bem uma coroa real.

Sob a falsa aparência de sua simplicidade, possui o violino uma organização um tanto complicada, um perfeito corpo, tendo, até, uma alma, que é um pedacinho de pau, de forma cilíndrica, que fica mais ou menos debaixo do cavalete, servindo para ligar as duas taboas de ressonância, sem o que o instrumento é um objeto morto. Possui, outrossim, um verdadeiro sistema nervoso, a barra, e, finalmente, contém na sua ossatura cerca de sessenta peças diferentes, construídas de madeiras especiais, de diversas qualidades.

Naturalmente ele não foi inventado por ninguém, não é obra de um só; e sim, o resultado de longas experiências, de repetidas tentativas, de uma interminável série de mo-

dificações e transformações, sendo filho direto da grande família das violas, das quais é diminutivo, tendo aparecido, provavelmente, no fim do século XV. A gestação e fixação de seu tipo operou-se nos cinquenta anos que vão de 1480 a 1530.

Não faltam escritores que tenham atribuído a paternidade do violino a este ou àquele, como sejam: Kerlino, Testor e Duiffoprugcar, apontados, cada um, como autor do primeiro violino que surgiu no planeta.

Este célebre luteiro do Tirol, que se chamou Duiffoprugcar, (1514-1570), muito anterior a Stradivarius, que nasceu em 1644, tinha por divisa os belíssimos versos que costumava gravar na madeira de seus instrumentos:

Viva fui in sylvis, sum dura occisa
[securi;
Dum vixi, tacui; mortua dulcé cano.

Tradução:

Viví na selva e fui cortada por um duro
[machado;
Enquanto viví, estive muda; morta, can-
[to docemente.

Os italianos apontam como construtor do primeiro violino, — Gasparo Bertolotto da Salò, por volta dos meados do século XVI (N. 1542 e m. 1609).

É, pois, difícil encontrar-se base para dizer quem fabricou o primeiro violino. Como disse muito bem o célebre musicólogo Vidal, ele não é a resultante de uma concepção única; mas, sim o fruto dos esforços conjugados de todos os fabricantes e executores de instrumentos de arco que, paulatinamente, graças aos melhoramentos de toda sorte, o conduziram à perfeição da forma que hoje ostenta.

Houve em voga, mais ou menos, nove espécie de violas, variando em timbre, modo de tocar, bem como no formato. Oriundo da coleção das violas, constituiu-se o primeiro quarteto de arcos: **pardessus** de viola: **dessus** de viola; a viola propriamente dita, também chamada: alto, tenor ou **taille** de viola, provavelmente a que existe até hoje, e que ainda conserva os três nomes: alto, viola e violeta; e o **violone**, ou baixo de viola. Destas quatro, saíram: o violoncelo, da viola de **gamba**, e o violino, da viola **dal braccio** (a **pardessus**), visto como eram tocadas umas, presas às pernas, e outras ao braço.

Havia, ainda, a viola bastarda, a viola de amor, o barítono ou viola de **bordone**, a viola pomposa, criada por Bach, e a viola da **spalla**, de grande formato.

Se quisermos completar a genealogia do violino, podemos citar os seguintes ancestrais: **vielle** ou **vihuela** (de arco, pois que havia uma mecânica), também chamada **chifonia** ou **sinfonia**; nos séculos XVIII, as violas tinham, também o nome de: **lyra**, na Itália; entre elas, a **lira da braccio** (com 7 cordas dedilhadas e 2 bordões); a **lira da gamba** (12 cordas e dois bordões); e **archi-viola da lira** ou **lirone** (tendo, até 24 cordas, sendo igualmente chamada: **accordo**). Os bordões serviam para vibrar por simpatia, reforçando o som. E numeremos outros espécimens: o rebec, rebab, ou rubeb; a giga e a crota. A crota é originária do país de Gales; e a giga, é dos antigos francos, sendo que até hoje na Alemanha, o violino tem o nome de **geige** (pronuncia-se: **gaigue**). O rebec oriental e foi introduzido na Espanha no século VIII.

Indo, todavia, ao encontro de seu mais remoto avoengo, vamos encontrá-lo na Índia

sob o nome de **ravanastron**, também chamado **serinda**, existindo lá há cerca de 5.000 anos; é, incontestavelmente, o verdadeiro embrião do violino; instrumento de uma e duas cordas, com uma caixa harmônica rudimentaríssima, e tocado com o auxílio de um arco. Há quem diga que o ravanastron é de origem chinesa (Lavignac), considerando-o, outros, como originário do Ceilão, datando de 3.000 anos.

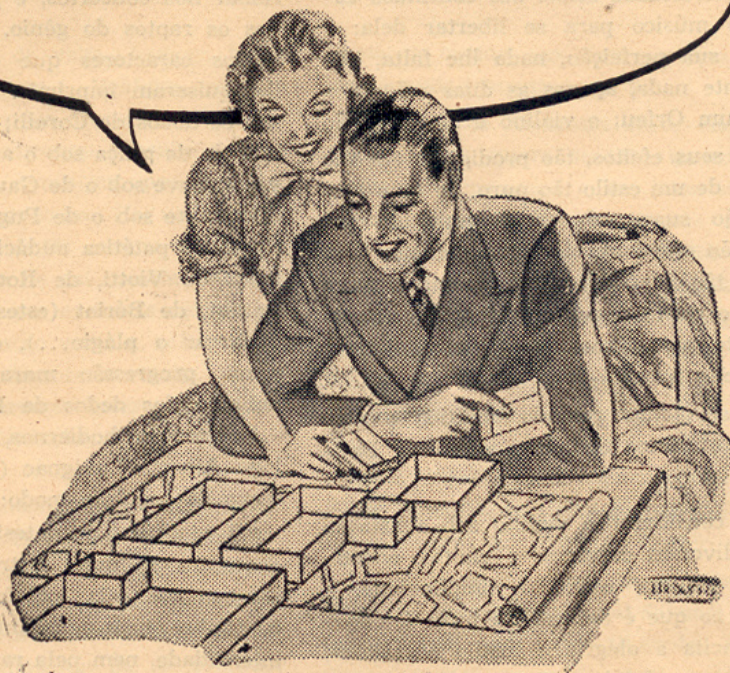
Deixemos, porém, estas pesquisas históricas, e vamos atingir o violino já em pleno fastígio de sua glória, depois de uma luta de cerca de 60 anos que teve com o batalhão das violas, acabando por as derrotar.

O violino é um instrumento tão bem feito, de uma perfeição tal, que a gente chega a crer que ele antecedeu o homem na ordem geral da criação, tendo Deus idealizado o ente humano de maneira a poder tocar violino, tão bem se adapta este entre o mento e a clavícula. O violino quando empunhado por mão de mestre, fica como que obturado no indivíduo, tal qual se fizesse parte integrante do corpo humano. E, então, dirigido pela varinha mágica que é o arco, deixa escapar toda uma torrente de inefáveis melodias, transformando-se, subitamente, nu'a mirífica escada de Jacob (que aliás era filho de Rebeca...) por onde descem e sobem todos os anjos do céu!

Vamos ceder a palavra a alguns de seus panegiristas de real mérito. Um dos primeiros adoradores que teve o violino, foi o abade Sibire, que lhe dedicou uma obra: "La Chelonomie", da qual destacamos este trecho:

"É, pois, de uma parte a esta qualidade suprema, crescente e durável, de outra parte ao manêjo brilhante e expressivo do arco, assim como à espantosa facilidade com a qual ele gradua, nota por nota, todos os tons, mesmo na maior rapidez, que o violino é devedor de todo sua superioridade; o violino, este rei dos instrumentos, o sustentáculo das vozes, a alma de nossas orquestras, o regulador de nossas dansas, o amante de nossos espetáculos, o encanto de nossas reuniões, a obra prima dos corpos so-

Um sonho...
...FACIL DE SER REALIZADO!



*Uma residencia moderna
em um bairro moderno.*

O SUMARÉ lhe dará todos os meios para a construção de seu lar! O Sumaré é um bairro moderno, proximo do Centro, e em crescente desenvolvimento. Vendas a longo prazo e financiamento para construções.

INSCRIÇÃO N. 29
DO REG. DE IMS.
DA S.A. CIRCUNS.

SOCIEDADE SUMARÉ' LIMITADA

RUA LIBERO BADARÓ, 282 - 4.º ANDAR - TELEFONE 2-0385

noros, e em seu gênero, o *ultimum gradus*, o *nec plus ultra* da indústria humana, e, por bem dizer, o *enfant gaté* da natureza. O violino, este instrumento distinto que faz classe à parte na escala comum, e permanece isolado no grau de que ocupa, é tanto mais exigente quanto incomparável, e não perdôa a mediocridade senão aos contínuos esforços do músico para se libertar dela; e quanto à sua perfeição, nada lhe falta, absolutamente nada, apenas as duas mãos e a alma de um Orfeu; o violino é tão uno, tão vasto em seus efeitos, tão prodigioso em sua extensão; de um estilo tão puro, de uma elegância tão suave, de uma qualidade tão amável, tão sedutora, tão sensivelmente progressiva, tão indefinidamente permanente, e sob todo o ponto de vista, enfim, tão verdadeiramente maravilhosa, que se não existisse, seria preciso inventá-lo”.

Após este longo período enfático e algo abstruso, ouçamos o nobre violinista Baillot:

“Se se considerar o violino sob a relação de seus diversos caracteres e efeitos, encontra-se a riqueza unida à simplicidade, a grandeza ao que é delicado, a força à doçura; ele incita a alegria e instila a tristeza; conforme o modo de o interrogar, sua resposta é vulgar ou sublime; toda melodia lhe pertence, toda a harmonia é do seu domínio, e o gênio faz dele seu mais nobre intérprete; iniciado, por contínuo contato, em todos os mistérios do coração, respira e palpita com ele. Seu timbre é uma segunda voz que, por sua posição e extensão, é destinada a ampliar a voz natural. E, do mesmo passo, seu timbre é tão variado que se lhe pode dar o caráter campestre do oboé, a doçura penetrante da flauta, o som nobre e tocante do corno inglês, o brilho belicoso da trombeta, as variações sucessivas da harpa, e as simultaneas do piano, finalmente a gravidade harmoniosa do órgão. A tantos prodígios, bastam as suas quatro cordas. Motor desta lira dos tempos modernos, o arco o vem animar de um sôpro divino, e produz estas maravilhas, servindo de veículo a todas as

afeições da alma, a todos os surtos da imaginação”.

O festejado historiografo-musical Castil Blaze, plageando seu contemporaneo Baillot, cujo velho e raro método possuímos, assim se expressou:

“O violino feito por sua natureza para reinar nos concertos, e para obedecer a todos os raptos do gênio, tem tomado os diversos caracteres que os grandes mestres lhe quiseram imprimir: simples e melodioso sob os dedos de Corelli; harmonioso, tocante e cheio de graça sob o arco de Tartini; amável e suave sob o de Gaviniés; nobre e grandiloquente sob o de Pugnani; cheio de fogo, pleno de patética audácia, sublime, entre as mãos de Viotti, de Rode, de Kreutzer, de Baillot, de Bériot (estes dois ele pôs, para disfarçar o plágio...), ele se eleva, ainda, numa progressão maravilhosa, fulminante, debaixo dos dedos de Paganini”.

Nos tempos hodiernos, o eminente musicólogo Alberto Lavignac (m. em 1916) se externa do seguinte modo:

“O violino é incontestavelmente o rei da orquestra. Nenhum instrumento pode rivalizar com ele, seja qual for, nem pela riqueza de timbre, nem pelas infinitas variedades de intensidade, nem pela rapidez da articulação, e, muito menos, pela sensibilidade quase viva da corda vibrando diretamente sob o dedo que a preme. Ele divide com a voz humana a faculdade inapreciável de fazer variar ao infinito a altura absoluta dos sons, e somente o órgão possui com ele o poder de os prolongar indefinidamente. O violino tanto canta como chora, ri e grita; só lhe falta a palavra para igualar-se à voz humana, não obstante ter uma extensão muito mais considerável. Nos sons harmônicos é tão aéreo, tão azul como a flauta; sua quarta corda dá a impressão do vermelho carregado da clarineta; e com a surdina lembra o caráter campestre e profundamente melancólico do oboé, ou do corno inglês, enquanto que seus *pizzicatti* são pontilhados negros”. (La Musique et les Musiciens; (Pags. 149 e 213).

Eis aí porque o violino sem temer rivais, na feliz expressão de Artur Pugin, reina

Archibald Joyce

(Especial para "Resenha Musical" e "Son")

Luiz da Camara CASCUDO
— NATAL —

Gênio imutável, o da valsa. Langue, lento, arrebatador, maravilhoso. Nenhum outro o venceu nem conseguiu sua derrocada. O prestígio da síncopa não empanou o brilho dolente da valsa, ondeante, romantica, perturbadora. Não ha uma época-da-valsas. Ha um tempo-de-valsas em todos nós. Ha sempre a história de uma valsa na vida de um homem. "O fox-trot" continua sendo um excitante sem recordações além do apêlo ao sexo. A valsa não é apenas 1830 mas igualmente mocidade, leveza, sedução, alegria, esperança, futuro, desejo-sob égides supremas de distinção, serenidade, equilíbrio.

Lembro hoje Archibald Joyce. Muitos anos foi o soberano incontestável das valsas perturbadoras inesquecíveis, impressionantes. Tinha um desenho sombrio, nítido, como cravado em ouro sobre ébano. Aqueles temas doces, misteriosos, penetrantes, vibravam no ar evocados pelos violinos. E ficavam vivendo na vida me-

vingador sobre o mundo, por direito de poderio, por direito de conquista, por direito de beleza.

Não vacilo, pois, em declarar que vejo nele o engenho humano acudindo ao engenho divino, e, socorrendo-o, aperfeiçoar a garganta do homem, que se vê multiplicada e enriquecida nas suas quatro cordas, representando o arco o papel de lingua mágica, para arrancar de um pedacinho de madeira-síntese de toda a flora-todas as alegrias e esperanças que trazemos do berço, e todas as tristezas e saudades que levamos para a tumba, **Spes e Saudades** que estão para sempre estereotipadas nos dois SS laterais do divinal-VIOLINO.

morial do ouvido, como um resquício sonoro de uma grande tempestade de sons.

As valsas de Archibald Joyce chegaram ao Brasil com a guerra de 1914, quando revistas e jornais começavam a ser lidos com avidez maior. Os compositores da França, nas valsas, não eram tão abundantes, nem tão originais. Pareciam uns com os outros. Archibald Joyce era compositor inglês, estranho, original, aristocrático, superior. Suas valsas eram de pensamento de vida interior, de força espiritual. Dansava-se porque a orquestra tocava mas depois, insensivelmente, subiam as lembranças daquela música bizarra e conquistadora, do fundo da memória, com o vagar ondulado com que sob o incenso dum turbulo imóvel.

Lembram-se das valsas de Archibald Joyce? **Vision of Salomé! Passing of Salomé! Sweet memories! Life and Love! Charmin! Dreaming!** Tantos nomes que ressuscitam festas, nomes, perfumes, amores, passados irreparavelmente...

Havia uma música incrivelmente bonita. Chamava-se "Quando os pássaros começam a cantar", "When the birds began to Sing. Quantos casais se viram amorosamente nos ritmos das valsas de Archibald Joyce que os enlaçava, numa distancia imensa, como um papai benévolo e musical?...

Não sei porque amanheci pensando nas velhas valsas de Joyce, nas valsas que dansei quando rapaz, que sabia de cor, cantando-as enquanto me vestia para os balles do "Natal Clube". Como o encanto da Música é a universalidade da emoção, lembro nesse inglês compositor, que nunca visitou o Brasil, que possivelmente sempre ignorará meu nome o encanto indelével, a evocação deliciosa, a saudade obstinada que sinto tentando articular os passados trechos de suas valsas desaparecidas.

São Paulo Musical

A. Melo Godoy

Não nos é possível neste simples apanhado geral, uma demorada vista de olhos, pelas varias atividades artisticas, apreciando-as cada uma de per si, musica, pintura, escultura, etc.

Já é por demais sabido que vai bem longe, fronteiras a fóra, mesmo, o nome deste recanto privilegiado — São Paulo. Por isso mesmo, não consignamos aqui outra cousa que não seja alguns informes referentes à instituição oficial da Prefeitura da Capital, o Departamento Municipal de Cultura, e a outras, quer oficiais, quer particulares, que são como que pequeninas joias compondo esse formoso colar que constitui o agrupamento artistico de nossa urbe.

Todas elas promovem conferencias, exposições de pintura, concertos, recitais ao paulista avido de cultura, essas manifestações da beleza estética, em todas as suas formas, que é a Arte.

No campo musical, a atuação do Departamento tem-se feito notar de modo sempre crescente sendo o objeto constante das conversações mantidas por nós com todos os seus espetaculos, a preços bem acessiveis, todos de fino lavor; concertos sinfonicos, entregando a batuta ora a este ora àquele regente; concertos de musica de camara em Trios e Quartetos, "São Paulo" e "Haydn" respetivamente; musica vocal pelo seus valioso "Coral Paulistano" e Coral Lirico; saráus, coreograficos pelos alunos de bailado clássico, tendo a frente um grande técnico no assunto e como se isso não bastasse audições sempre da sua Discoteca.

Seus elementos vão firmando aqui e ali o valor dessa instituição. Souza Lima ha

pouco voltou do Recife onde obteve as melhores referencias à sua arte; outro expoente, o não menos consagrado maestro Camargo Guarnieri, breve estará na terra de Tio San; M.o Armando Bellardi, figura dentre os nossos mais destacados valores a frente da orquestra e do Coral Lirico do Municipal.

Para finalizar devemos citar aquela que se faz notar pela qualidade superior re suas manifestações de arte, essa joia rara que é a Soc. de Cultura Artistica. Esta Sociedade pioneira das realizações de arte, revela com um quadro social numerosissimo, o seu valor como entidade e como baluarte da arte musical em nossa Capital.

Chacara Rosal

RICARDO OSTERMAYER

Villa Galvão — Rua da Costa, 1
SÃO PAULO — Caixa Postal 3712

Premiada com o Primeiro Premio
para cultura de rosas em geral na
Primeira Exposição Municipal de
Flores em São Paulo

Vendas com amostras de rosas
todas as quarta-feiras e sabados
na Feira do Largo do Arouche.



GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO
NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30



SEGUROS DE VIDA
na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida
Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar
SÃO PAULO

"HAMMOND" -- "SOLOVOX" LIGADO AO SEU PIANO

Acrecente os belos efeitos instrumentais do Solovox ao seu piano. O Solovox facilita a execução dum dueto instrumental de rara expressão e beleza, — timbres e tons que suplementam as vozes do seu piano, — metaes, cordas, flautas e outros instrumentos de palheta



Produto do fabricante dos órgãos elétricos

"HAMMOND" .. "SOLOVOX" (eletrico)

Casa Hammond
GRAUPNER & GHIRALDINI LTDA.

Unicos representantes para o Brasil

RÁDIOS — VITROLAS — ACCESSÓRIOS — ETC.

Rua Capitão Salomão, 110 — Caixa Postal, 2773 — São Paulo

Charles Leandre e seus Modelos

Camille MAUCLAIR

É o pintor terno e encantador de uma criatura feminina muito especial, a pequena musa de Montmartre. Há muitos gêneros de mulheres em Montmartre, e cada uma delas teve a glória de achar o seu pintor. Há a rapariga do povo, a Louise de Gustave Charpentier, soberbamente descrita por Steinlen. Há a prostituta garbada, cuja alma vulgar e violenta o acerbo talento de Louis Legrand e a amarga ironia de Toulouse-Lautrec traduziram com os traços firmes da gravura e com um colorido de um impressionismo quase japonês. O gênio sorridente de Willette divinizou a Jenny, a Mimi Pinson, a floristazinha apaixonada que canta à sua janela, rapariga do povo, certamente, como a operária de Steilen, mais delicada, porém, e incapaz de ceder a um apache; essa Colombina pode divertir-se à custa de Pierrot, mas não se fia em Arlequim enganador e brutal. Essas diversas categorias femininas de Montmartre vivem paralelamente, sem convivência, na célebre colina; a operária despreza a vizinha de vida alegre, e a preferida de Willette não quer ser nem convém acrescentar mais uma: pequena amiga dos artistas, a companheira dos poetas

e dos estudantes — e foi essa que Léandre pintou.

Tem um perfil suave que um narizito levemente arrebitado impede de ser tão estético como ela desejaria. Seus bandos virginais emolduram-lhe o rosto pálido e candido. As suas formas modelam-se sob os vestidos "princesa" nos quais, outrora, no tempo do simbolismo e da Rose-Croix, eram bordados dragões convulsos, mas muitas vezes o seu traje todo preto faz lembrar simplesmente o vestido de colegial que ela usava antes que os seus dezesseis anos conhecessem o amor. É um pequeno personagem que tem certa literatura; assistiu aos espetáculos heróicos da *Œuvre*, aos dramas de Ibsen, cita trechos de Laforge e de Samain, sabe que Boticelli não era um grande cabeleireiro, é um pouco esfinge e compraz-se nas conversas filosóficas, com as sutilezas dos que sabem lêr nos pensamentos. Tem mui lindas mãos bem tratadas, e onde reluzem anéis "gênero antigo".

Usa raras vezes chapéus, preferindo parecer uma castelã da idade média, mas quando os traz são extravagantes, ou pela enormidade do tamanho, sobrecarregado

de meia avestruz, ou pela pequenez da coifa de dogareza que lhe guarnece de pérolas a fronte. Ninguém jamais de luvas ou de guarda-chuva. Não se alimenta "como um passarinho", porque eles são vorazes; ela come só o que lhe estraga o estômago sem alimentar.

Não existe para ela senão uma única espécie de homens: os artistas; ela lhes arruma lindamente a casa onde o absurdo se alia aos arranjos domésticos, ouve-os religiosamente, à noite, enquanto fumam longamente, ou sentados às mesinhas dos terraços dos cafés, ou no atelier onde se reúnem para estabelecer uma estética noiva ou para ouvir com compunção, a Sonata ao luar tocada por um amigo, enquanto que a effigie de Beethoven faz a sua célebre viagem em cima do piano.

A mulherzinha encolhe-se a um canto, feliz, extasiada, fuma cigarros de ponta doirada, faz reluzir os anéis e olha languidamente para os seus amigos de cabeleira. De manhã, se arruma a casa e cose os seus vestidos, é geitosa, asseada, econômica e gentil. Se é a amante de algum pintor, serve-lhe de modelo durante um dia inteiro, desafiando a fadiga, quer lhe oferecendo a sua delicada e esguia nudez, quer se caracterizando com mil trajes diferentes. Faz uma entrada sensacional nos **vernissages** do mesmo modo que as senhoras da sociedade, e, aos domingos de inverno, vista na meia luz do anfiteatro do Chatelet no concerto Colonne, extasiada, histérica, na embriaguez da sinfonia.

Há nesse entezinho fantástico e extremamente sério um tesouro que é a sua alma; uma alma admirável na verdade! O dinheiro não existe para ela. Louca de amor, instintivamente apaixonada pelos artistas porque eles são pobres, independentes, idealistas, é uma criatura que não se preocupa com doenças nem com a miséria. Sabe que será abandonada, que morrerá jovem, que o hospital a espera, e não tem medo de nada. Essa figura da idade média torna-se, quando o amante adocece

e quando o crédito se esgota, uma enfermeira de mãos leves, que vela, extenua-se e sorri. Dedicase porque é esse o seu feitiço: "tem o culto da chaga e o amor dos andrajos". E depois, quando não a querem mais, quando o poeta ou o pintor, tornando-se célebres, deixam Montmartre, vestem-se bem vão aos bailes e ganham muito dinheiro, essa mulherzinha desaparece; aproximava-se dos trinta anos, principiava a engordar... não se sabe mais o que é feito dela. É como certa espécie de aves que se escondem para morrer. Há algumas que casam e que se tornam senhoras perfeitas e distintas com a percepção admirável da mulher que sabe subir todos os degraus sociais. Mas a maioria... ah! a maioria!... compreende-se, e esquecida com a mocidade, e todos os dias nascem outras para substituir as mortas.

Eis a mulher que pintou Charles Léandre e ele pintou-a absolutamente tal qual ela é: não se pode dizer mais, e para que entrar em detalhes e fazer elogios? Quando Léandre quis fazer retratos de homens, pintou belíssimos deles.

Visitando-se o Museu do Luxemburgo, ver-se-á um **pastel** dele que representa Georges Courteline.

Está de pé, trajando cinzento claro, sobre um fundo cinza claro, um céu de prata onde se perfila vagamente Montmartre. É todo Courteline, físico e moral, desenhado por um desenhista muito hábil, pintado por um pintor de colorido muito sutil, e visto por um analizador que sabe chegar ao fundo dos caracteres. Léandre sabe pois tudo que se pode saber.

Somente, o seu domínio é a alma da *petite femme*; e Léandre é essencialmente bom e inteligente quando observa essa criaturinha fora da lei, cheio de paixão, porque sabe todas as injustiças e todas as misérias que a punirão de ter sido amante sem providência nem venalidade, e ter ousado vender. Ele faz o seu retrato com ternura, para que os artistas do futuro saibam um dia como eram as lindas sacrifi-

CASA

Bevilacqua

"A ESQUINA SONORA"

Músicas, Discos, Cordas e Instrumentos o mais completo sortimento da praça

UNICA REPRESENTANTE
PARA O ESTADO DE
SÃO PAULO

dos afamados pianos

"ESSENFELDER"

Visitem nossa exposição permanente onde temos também grande numero de pianos de aluguel

Rua Direita, 115 - São Paulo

TECIDOS NOVOS

Esplendidas combinações de cores e desenhos, e uma infinidade de qualidades apropriadas para vestidos de primavera.

Linoerin — marquisette — fustão
— cordonê — laise bordado — frotê
— organdy — anaruga — quadrilê
— rendados — linon — rayon - etc.

Preços convenientes

ENVIAMOS AMOSTRAS GRATIS!

CASA LEMCKE

RUA LIBERO BADARÓ, 303

CAIXA POSTAL, 221



**Joalheria e
Lapidação
Paulistana**

de PEDRAS
PRECIOSAS

Ricardo Kroeninger

Riquíssimo sortimento em
PEDRAS PRECIOSAS E
SEMI-PRECIOSAS

cravadas e soltas

Executam-se com a maior perfeição
todos os serviços do ramo

Telefone: 4-1083

Rua Xavier de Toledo, 54

(em frente ao prédio da Light)

Os produtos desta Fábrica
são de primeira qualidade

D. KOPENHAGEN

LOJAS EM SÃO PAULO

Matriz: Rua Dr. Miguel Couto, 41
Telefone, 3-3406

Filiais: na mesma Rua, 28 - Tel. 3-4527
R. B. de Itapetininga, 92 - Tel. 4-3946

FILIAIS, RIO DE JANEIRO:

R. Buenos Aires, 52 - Tel. 43-9740;
Av. Rio Branco, 183 - Tel. 42-5064 e
Trav. Ouvidor, 37

**FABRICA DE ESPECIALIDADES
EM MARZIPAN E
CHOCOLATE**

Completo sortimento de Choc-
lates e Bombons Finos

**R. JOAQUIM FLORIANO, 512
— SÃO PAULO —**

cadras que davam encanto ao seu trabalho e adornavam a pobreza dos seus predecessores.

Os **pasteis** de Léandre, são um pedaço da história.

Em breve não haverá mais dessas pequenas criaturas, assim como deixará também de existir Montmartre. Todos os dias derruba-se uma casita velha e desmancha-se um antigo jardimzinho para se edificar, no lugar, uma das grandes casas de aluguel com ascensor e **bow-windows**. A cervejaria expulsa a pequena taverna rústica — morre o pitoresco. Os estrangeiros julgavam ver Montmartre quando lhes mostra os cafés do **boulevard** exterior, o odioso **Moulin-Rouge**; e levam a lembrança de um quarteirão barulhento, cheio de estroinas e de prostitutas, onde, parece que os artistas vivem à custa das raparigas e seus protetores antes de obterem a medalha no **Salon**. Não imaginam o trabalho enorme que se executa nas ruazinhas da oclina e todas as belas e soberbas recordações que ali se conservam vivas.

Quando existia o **Chat-Noir**, lá se ia beber e rir. Agora, vê-se que os mais verdadeiros talentos de uma época partiram dali, e que os pretensos boêmios eram admiráveis trabalhadores, poetas generosos, coloristas e desenhadores cheios de inspiração, de ciência e de técnica proficiente. Chéret, Steinlen, Henri Rivière, Louis Morin, Willette, Léandre, Forain, Dounay, Harancourt, Richépin, e tantos mais que se salientaram na mesma época!

Tudo desapareceu e a **petite femme** também. Os artistas tornam-se sérios, ordeiros, corretos, bem sucedidos: a criaturinha não tem mais razão de ser na sua vida.

Ela era amante dos grandes convém mais a esses **gentlemen** que fazem cedo o plano da sua existência e almejam o casamento vantajoso. Não se usam mais os vestidos "princesa" bordados de licornas, agora são os **tailleurs**; os chapéus não são mais extravagantes, não se usam mais os chapéus gênero **esfomeado**, passou de

moda o sacerdócio. Não se é mais **Rose-Croix** e cada um quer gozar da vida, isto é, dar com os cotovelos, não consultar o coração, pôr dinheiro de parte. Ia-se aos bandos ao **Moulin de la Galette**: em breve ele será demolido".

As reuniões à noite no **atelier**, são da moda antiga; os pintores espertos vestem a casaca e frequentam a sociedade para descobrir o amador. Há ainda o baile dos **Quat'z'Arts**, mas é frequentado pelos artistas patuscos, os impressionistas lá não vão mais. A amante-de-pintor não vai mais comprar o seu leite na rua, de chinelos e os cabelos soltos; não há mais camaradagem de vizinhança.

Montmartre era em Paris uma provinciana singular, onde se vivia com a intimidade libertina do século XVIII e onde os tipos bizarros se sentiam a gosto. Hoje não é mais do que um arrabalde da capital. As mulheres são ali o que são nos outros arrabaldes; a operária enamorada não está mais sujeita à misteriosa transformação mental que a tornava o produto inimitável, inqualificável e delicioso, a montmartreza, amante de artista, — possuindo uma graça extranha, lírica, espirituosa e extraordinariamente original.

Eis porque o seu pintor, Charles Léandre fez o que ninguém mais poderia fazer, e as suas pinturas, os seus desenhos, os seus **pastéis**, contam a história da pequena desaparecida, esguia, risonha e meiga, assim como os esboços de Boucher e de Fragonard nos relembram as dansarinas da Ópera, como os desenhos de Gabriel de Saint-Aubin nos servem de guia no **Palais Royal**, como as miniaturas dos discípulos de Vestier e de Hall, dos que expõem em **La Blancherie**, nos desvendam a verdadeira vida íntima dos burgueses do século XVIII. Léandre, como eles, alcançou certos tipos antes da sua desapropriação: porque a mulher varia infinitamente, o cenário transformando-a.

E a mulher esguia que dansava ao lado da Camargo, de Mlle. Salé ou da Guimard nos bailados da ópera em 1775, não é a fi-

Visitem a nossa secção de TAPEÇARIA

Cortinas — Tapetes — Moveis

Preços Economicos

PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254

S. PAULO

RUA QUITANDA, 157

SANTOS

gura fina que trajava as vestes simbólicas da **Rose-Croix** em 1895.

Os corpos são os mesmos e entretanto diferem porque a alma mudou. Não se pode definir êsse caso tão facilmente como se pode sentir: é indispensável o desenho. A pequena musa de Léandre é um minuto na história da mulher apaixonada, independentemente, francesa, é a silhueta feminina cujo meigo perfil vagará ao lado do artista estudante de calças largas de veludo, de colete apertado e grande chapéu de feltro, quando as feias casas de sete andares tiveram sufocado de uma vez e destruído o velho cemitério da Butte, os moinhos, a rua Saint-Vicente e os seus muros veneráveis, caros recantos de pobreza, de arte e de sonhos. Essa aurora de espírito leve mas nunca indecente, essa revoltosa, essa sonhadora, essa louca a quem a venalidade causava horror, será o pássaro no galho da última tília, e ouvir-se-á às vezes ainda o seu gorgheio que consolou tantas tristezas e inspirou tantos sonhos. Julgar-se-á ver passar a sua forma imponderável, ligeira na meia luz; será a sombra derradeira da recordação do que foi Montmartre...


Suportes Siebner
ORTOPEDISTA

Flexibilidade

Carateristico dos nossos suportes
Um alivio para o mal-estar dos seus pés.

RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089 - S. PAULO

MARIA PAGANO BOTANA

PROFESSORA DE PIANO

Rua Clélia, 902 — S. Paulo

Castro Alves e a Música

Carlo PRINA

No Brasil já existem numerosos vultos dignos de representa-lo magnificamente no radioso horizonte da cultura humana. Entre eles um sem número de grandes poetas e romancistas, músicos inspirados como Carlos Gomes, pintores como Almeida Júnior, cientistas como Santos Dumont e Osvaldo Cruz. Porém, um rapaz sugestivo no faiscar dos olhos, bonito na dominadora ondulação da sua cabeleira negra e na morena palidez do rosto, apareceu, faz 95 anos, nos exuberantes arredores da Baía como um vulcão despindo lavas candentes e fulgurancias fantásticas e subindo tão alto nas azas do gênio, que todos aqueles vultos ficaram e ficam superados. Aquele vulcão, aquela convulsão da natureza (como idealmente o definiu Agripino Grieco) chamou-se Antônio de Castro Alves e ele mesmo devia descrever maravilhosamente as sensções divinas daquela revoada que o transportava, como um Pé-gaso belíssimo, até as vizinhanças da Divindade onde os mais legítimos representantes do gênio humano (desde Dante até Beethoven e Victor ugo) se embalam eternamente ao som da Natureza cósmica, ao som dessa harpa grandiosa que, presa nas mãos de Deus, brilha aos olhos do mundo que passa, mas que não pode ouvir as suas notas arcanas senão por intermédio do gênio que, chegando perto daquele instrumento divino, tem o privilégio de ouvir os seus hinos transcreven-

do-os para a humanidade sedente de beleza, em notas tripudiantes ou em versos sublimes como estes que finalizam soberbamente a poesia intitulada "O Poeta": 158

"Todo o Universo é um templo — o
[céu a cúpula imensa,
Os astros — lampas de ouro no espaço
[a cintilar,
A ventania — é o órgão que enche a
[nave extensa,
Tu és o sacerdote da terra — imenso
[altar".

Não parece ouvir os grandiosos acordes do imponente Prelúdio em ré menor de Bach com que a orquestra de Stokowsky inicia a genial "Fantasia" de Walt Disney? ou então as páginas mais litúrgicas do Parsifal?...

Não por acaso que citei Beethoven pois, do mesmo modo que este procurava no seio da Natureza os cantos sobrehumanos das suas sinfonias, também o jovem Castro Alves sabia escutar as suas páginas mais inspiradas na sombra murmurante da floresta entre os perfumes das flores e os gemidos da ventania, "o órgão que enche o Templo imenso".

O autor de "Espumas Flutuantes" segue descrevendo-nos tudo isso na poesia "Sub Tegmine Fagi" que, com muita razão Ronald

de Carvalho transcreveu na sua "Pequena História da Literatura Brasileira" como modelo ideal da nossa poética pois quem, aos 20 anos, soube escrever estrofes tão perfeitas e profundas, tem direito de ser honrado como o mais alto representante da família romântica brasileira e como um dos maiores vates do Universo Poético porque esse poema admirável, na sua exaltação religiosa da arte e da natureza, possui qualquer coisa do melhor Hugo e do mais profundo Lamartine, enquanto que a sua musicalidade arcana nos evoca extranhamente os "adágios dos últimos quartetos de Beethoven".

O jovem Castro Alves convida o seu amigo Melo Moraes para que o siga no campo e na floresta onde o céu "lança poesia a fluz".

"Meu Deus! Quanta beleza nessas
[trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
.....
Aqui o eter puro se adelgaça...
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p'ra o céu".
.....
Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gótica e suspense
Reza o vento feral.

Também Beethoven se teria entusiasmado a tão belos versos desse "irmão" que o superou em precocidade porque as músicas que o gênio de Bohn escreveu antes dos 18 anos, não possuem aquela plenitude que, ao contrário se observa na maioria dos poemas juvenis de Castro Alves que, sob este ponto de vista, somente foi igualado por Gabriel D'Annunzio, outro poeta musicalíssimo que, com apenas 16 anos deslumbrou o mundo das letras com a audácia e a perfeição do seu "Primo Vere".

Mas o autor de "O Navio Negreiro", ao par de Beethoven e de D'Annunzio, não se limitou em tocar apenas as notas líricas da sua lira portentosa, mas soube fazer ressoar todas as suas cordas mais diferentes pas-

sando com assombrosa facilidade das românticas às dramáticas, às onomatopáicas, do tom épico ao gracioso... até à modinha popular(criando, assim, uma obra que tem "serenidades de granito em que ruge uma orquestra de leões"... rugidos que já assomavam no coração generoso do futuro protetor dos escravos, quando apenas tinha 13 anos ditando-lhe este primeiro protesto abolicionista,

"Ah! não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da Brasília região..."

e, como o pequeno herói de Currallinho sabia também interpretar (como raros poetas o sabem) a sua obra com a musicalidade da voz e da expressão, com a intensidade da alma faiscando nos olhos bonitos, a juventude o carregava ao hombro particularmente quando ele explodia com o anatema dantesco que fecha o "Navio Negreiro" e que nos lembra o trágico tema da maldição dominante na famosa "Teatrologia do Nibelung" de Ricardo Wagner, depois de ter evocado, na trágica descrição do navio, a célebre "Dança Macabra" de Saint Saens e as mais impressionantes macumbas do florclor brasileiro.

Pena que Castro Alves não tenha podido presenciar à gloriosa realização do seu sonho, daquela aspiração que, durante os seus derradeiros dias, lhe fazia pedir a Deus ao menos outros dois anos de vida para escrever tudo quanto ele sentia latejar no seu coração imenso e no seu cérebro prodigioso: particularmente o "Quilombo dos Palmares" em que devia ser cantada a epopéia da raça negra, da república dos rebeldes fugidos ao cativeiro no norte da Baía, culminando no trágico e lendário episódio da morte do seu chefe, o soberbo aZmbi que, por não cair prisioneiro dos caçadores de escravos, joga-se do morro "na boca do abismo, rolando e caindo lá em baixo de braços com os braços abertos em forma de cruz, assombrado, feito simples carvão de um Cruzeiro

do Sul que se houvesse apagado” como admiravelmente descreve Cassiano Ricardo na sua “Morte do Zambi”. (Zambi)

Porém em tudo isso não havia apenas a compaixão por esses desgraçados, pois a sua libertação equivalia também a redenção moral do seu querido Brasil escravo, por sua vez, dessa mancha que o empobrecia aos olhos da civilização mundial. Não! aquele anseio de liberdade se agitava no vulcânico coração do jovem poeta transcendendo o limiar da Pátria para exaltar-se num humanismo universal, numa sede de Justiça julgando, sempre conceitos políticos, homens e nações. E eis, que com o seu “Meeting do Comité du Pain” insurge contra a Alemanha, que na guerra de 1870 tinha condenado à fome não apenas os defensores de Paris, mas também os velhos, as mulheres e as crianças... eis que nas suas “Oitavas a Napoleão” impréca contra a Inglaterra e contra a própria França, que, nem na hora da morte, se tinham compadecido pelo grande exilado, e então exclama:

“Nem mesmo todo o Oceano poderia
Lavar este padrão de covardia”...

e eis que ainda mais se indigna e se comove o seu acento quando, em “Vozes de Africa” interpreta as queixas do maldito continente negro que, após ter visto “a antiga ciência desertar do Egito” e a América juntar-se à Europa para arrebatá-lo e escravizar a sua prole, exclama:

“Depois vi minha prole desgraçada
pelas garras d’Europa arrebatada!...
e hoje em meu sangue a América se
[nutre
condor que transformara-se em abutre,
ave da escravidão!
Ela juntou-se às mais!... Irmã trai-
[dora!
Basta Senhor! De teu potente braço
role através dos astros e do espaço
[perdão para os crimes meus!

Ha dois mil anos — eu soluço um
[grito...

Escuta o brado meu, lá no infinito,
meu Deus! Senhor, meu Deus!”

Imploração que se identifica admiravelmente com as inspiradas páginas dolorosas que encerram a famosa “Sinfonia Patética” de Tchaikowsky e, melhor ainda com a ofegante Balada em Sol menor de Chopin e o desepêro patriótico gritado pelo mesmo autor na lancinante “Polonaise Ops. 44”.

O seu anatema é universal, e por isso, eterno, atual.

Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na frente do perverso:
Maldição sobre vós!

Por isso a obra de Castro Alves não é apenas brasileira, mas Universal.

Nada de preferências... porque o triunfo deve pertencer à justiça, à bondade e à cultura... e então da luminosa alma do poeta assomam aos lábios comovidos aqueles maravilhosos versos que se intitulam “O livro e a América” e que estranhamente lembram o famoso revolucionário “Hino a Sádana” de Carducci, pois ambos os vates auguram que o pensamento humano (forza vindice della ragione) e o trem de ferro (bello e orribile mostro di ferro).

que acorda o tigre no cerro
e espanta os caboclos nús
possam ser
ginetes dos pensamentos
e arautos da grande luz.

Os momentos mais altisonantes deste poema parecem evocar os cantos marciais que dominam o 1.º tempo da 2.ª Sinfonia de Beethoven, o “andante” da 5.ª e o “exultante final” da 9.ª. — Nestes poemas grandiosos que parecem labaredas galopantes na cena do mundo, é onde predominam as fulgurancias de um novo idioma musical que, sobrepujando o lirismo das noites enluara-

das e dos salões aristocráticos brasileiros, devia antecipar os futuros parnasianos (no que eles têm de pomposo e verbal) conaturando-se com as exuberancias da maravilhosa terra de Santa Cruz e com o carater grandiloquente da sua raça obrando, assim, uma verdadeira transformação que correspondeu plenamente ao gosto do povo que, por isso, compreendeu e compreende Castro Alves exaltando-o e musicando popularmente um sem número de seus poemas. Porem a grandiloquência do autor da "Cachoeira de Paulo Afonso" nunca prejudicou (como em muitos outros escritores mundiais) a sincera emotividade dos seus poemas. Com efeito lendo a sua vida interessantíssima aprendemos que esses poemas foram todos inspirados na realidade mais simples e humana onde predominava uma sensualidade volúvel que, porém, sempre se purificava nas azas do gênio o qual, através das suas estrofes, se endeusava elevando-se até à fileira gloriosa dos Chateaubriand, dos Byron, dos Hugo, dos D'Annunzio, dos Wagner, etc.... dessa raça fabulosa que se votou à transformação da realidade fazendo com que os objetos vistos ou tocados por ela, se tornassem mais belos e grandiosos. Por exemplo a Batalha de 2 de Julho que ensanguentou o solo em Pirajá e em Cabritos, foi um episódio guerreiro de modestas proporções, como friza Agripino Grieco, porém Castro Alves quiz exaltá-lo numa óde digna das mais grandes batalhas porque nela quiz evidentemente simbolizar todas as lutas heróicas que, não apenas o Brasil, mas a América inteira tinha realizado colocando:

O porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente à escravidão!
Era a luta das águias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros
O pugilato da razão — contra os erros,
O duelo da treva e do clarão!...

(Do mesmo modo Ruben Dario com a sua "Marcha Triunfal" não consagrou apenas os episódios heróicos do Chile onde a escreveu,

mas outrossim todas as guerras que o continente Sul-Americano combateu para a sua libertação). "Las trompas guerreras resueñan... Do mesmo modo C. A. canta:

Eras tu **liberdade** que com os dedos
[ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas, livre, à nova geração.

Tambem aqu', como era Ruben Dario, o clangor é simbólico!

Com efeito Castro Alves continua:

Não! Não eram dous povos que abam
[lavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado!
— A liberdade em frente da escravidão.

Isto é: uma luta sobrehumana, titanica em que percebemos a empolgante cavalgada das Wagnerianas Walkyrias encarregadas de presidir as batalhas e decidir o seu êxito para levar até o Welhalla as almas dos heróis mais ousados. Realmente Castro Alves continua:

Desbruçados do Céu... a noite e os
[astros
Seguiam da pelêja o incerto fado...
.....
Tonto de espanto, cego de metralha
o archanjo do triunfo vacilava

(Como vacilavam as Walkyrias na luta entre Sigmundo e Hunding)

Mas quando a branca estrêla matu-
[tina
Surgiu do espaço...
Uma voz se elevou clara e divina!
Eras tu — liberdade peregrina!
Espôsa do porvir — noiva do soi!...

E eis que em nossos ouvidos ecôa o hino exultante que grandiosamente encerra a 9.a Sinfonia de Beethoven, enquanto que os olhos

do nosso espírito percebem o quadro grandioso da luta e da paisagem.

Com efeito, a maioria dos poemas de Castro Alves são caracterizados por um extraordinário cromatismo pintórico pois sabe-se que ele não apenas tocava piano e violão, mas também desenhava magnificamente, o que explica outrossim a beleza **escultural** de certas descrições como aquela da "Cachoeira de Paulo Afonso" cujas espumas ferram o granito dos rochedos como a imunda sucuriuba ferra as costas do novilho que, surpreendido, faz troar os ares eriçando em pontas o seu dorso, do mesmo modo que

... medonha a suar, a rocha brava,
As pontas negras na serpente (**espu-**
[mas] crava!...

É necessário ler inteira esta "briga colossal dos elementos" para que a nossa fantasia lembre logo os maravilhosos grupos mármoreo da clássica Grécie e do "michelangeliolesco"... Michelangelo!

Se o espaço consentisse quisera falar demoradamente dos amores de Castro Alves. Apresentarei brevemente as suas múltiplas heroínas começando pela senhorita Lopez dos Anjos que ele chama Pepita: moça lindíssima e possuidora de uma cabeleira maravilhosa que, durante uma noite de baile ao som de "uma célebre valsa que aneia, estua e palpita", Castro Alves viu enfeitada por um gracioso laço de fita cuja visão persiste, mesmo depois da festa, na fantasia do Poeta que evoca a formosa Pepita no instante em que, na sua alcova, solta as tranças, e desejando que, ao morrer, ela lhe arranque os louros da fronte dando-lhe por coroa gloriosa... o seu laço de fita!

Este breve poema, pela sua graça, se destaca como uma delicada flor na grandiosa obra do Vate baiano. (Pág. 20 da Edição Zélio Valverde)

Seguirei acenando à suave Idalina do idílico poema "Aves de aribação" com quem sonhou a rendição dos escravos na "casa branca a beira do caminho, asilo do amor

e da poesia onde as andorinhas consultavam-se a beira do telhado" em quanto Idalina cantava sentada ao piano e o Poeta escrevia "tendo por musa o amor e a natureza. O leitor deve ler esse poema "Aves de aribação" para verificar uma vez mais como a música sempre domina nos cantos mais inspirados do autor de "Dalilas". (Pág. 110)

E chegamos à Eugenia Camara a fatal amante que, fascinando-o com as suas canções e a musicalidade dos seus gestos, lhe inspirara as grandes peças de teatro e os seus poemas mais altos em que o nome da famosa atriz se desdobra, transformando-se simbolicamente em Marion, em Julieta, em Tereza em Dalilas. Castro Alves amou com veemência Eugenia Camara defendendo-a com arroubo cada vez que escritores, mesmo destacados como Tobias Barretos, quizeram fazê-la alvo de suas críticas para alcançar, através da artista o jovem Vate que ameaçava conquistar o lugar de Príncipe nas letras brasileiras. Eis como, nos versos intitulados :A uma atriz" Castro Alves sabe defender a Camara e... a si mesmo. (Pág. 118 edição Valverde)

A-pezar-disso a volúvel artista não soube renunciar àqueles triunfos, nem às tentações da vida desenfreada, e abandonou o seu grande amante quando, doentíssimo, teria maiormente precisado do seu carinho. O golpe foi terrível e o Vate em muitos poemas descreve o seu desepêro. Basta ler as mais emotivas estrofes da poesia "Adeus" escrita depois de uma noite de teatro em que Castro Alves, sozinho, quiz rever a Camara para reabrir a chaga incurável, para machucar inda mais o seu coração. (Pág. 16)

Muitas amiguinhas piedosas e bonitas prodigaram-lhe o seu carinho para consolá-lo — Foram sete: e o Poeta as agradece cantando-as em outros tantos sonetos sugestivos (juntamente com uma oitava "desconhecida") no admirável poema "Os anjos da meia noite" — Outrotanto fizeram as duas judias Ester e Simy que lhe inspiraram a popular poesia "A hebrea".

E chegamos à casta Agnese Murri, célebre

cantora italiana que lhe resistiu, mesmo amando-o em segredo, e que ele compara à célebre "Consuelo" de George Sand, no poema omônimo onde a inspirada melodia dos versos e a arcana variedade dos ritmos justificam sempre mais o título desta minha despretençiosa palestra. Ver alguns desses versos e desses ritmos: a (Pág. 186) Lugar destacado mereceria também Leon'dia Fraga que, como uma doce enfermeira lhe cuida a saúde entre os ares balsâmicos do mato e que ele na poesia "Fe, Esperança e Caridade" define como "três anjos e uma só mulher". mas que ele deixará, impulsionado pela sua sede de sempre novos horizontes, como nostalgicamente descreve no altíssimo poema "O Hóspede" porque:

É preciso partir. Já na calçada
Retinem as esporas do arriero

que parte mesmo

sem procurar nos lares do estrangeiro
o fantasma sequer de uma esperança...

lembrando talvez "as belas filhas do País do Sul" (as paulistanas) como canta nos seus "Versos de um viajante" (que foram musicados); Recordarei também a meiga Lalinha que já não pode mais ser amada pelo Vate porque

"É tarde, muito tarde! O templo é
[negro
o fogo santo já no altar não arde".

e também a gentil Maria Candinha que lhe aparece num halo de mística formosura como "estrêla transformada em virgem" em "Murmúrios da tarde" perfeito poema honomatopáico, verdadeira sinfonia em que o ritmo lento, solene, arcano do primeiro verso que se repete no quinto descrevendo a moldura linear da composição, contrastata deliciosamente com os ritmos mais esbeltos, leves e murmurados das rimas intermédias que sugestivamente sussurram os detalhes harmô-

nicos e os musicalíssimos murmúrios das flores, do orvalho, das ondas, do rio, das rosas e do mesmo Poeta.

Ontem à tarde quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada mouta a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto,
Ontem à tarde quando o sol morria.

E em nossa memória ressoam as notas mais suaves com que Respighi musicou os murmúrios das "fontanas" e dos "pinheiros" de Roma, e também os mágicos acordes que iniciam a magnífica "Alvorada" de "Lo Schiavo", e corremos logo até a discoteca para repetir esses versos em voz alta mentre da vitrola surgem os murmúrios arcanos da floresta e os trinos dos pássaros que revelam o instinto do amor ao virgínssimo e wagneriano Sigfrido.

O ouvido musical de Castro Alves se revela na maioria dos seus poemas e seriam necessárias muitas citações. Por exemplo, na admirável poesia "O Hóspede" já citada, o Vate canta:

A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
tinha gemidos longos, delirantes.
Uma buzina restrugiu no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavalo o galopar soava,
E teu cão ululando replicava
aos surdos roncões do trovão bravio.
.....
Quando a "fanfarra toca na montanha,
A matilha do ecos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos
.....
Quem na guitarra que suspira e chora
Ha de cantar-te seu amor selvagem?

Ao princípio nos parece ver o Wagneriano Sigmundo quando, no primeiro ato da Walkyria, chega à casa de Siglinda pedindo hospitalidade contra a tormenta e a ventania que rugem dramaticamente e, depois, o seu

filho Sigfrido quando, subindo os penedos da montanha a procura da adormecida Brunilda, toca a **fanfarra** do seu corno sugestivo entre as maravilhas da orquestra... ou então os toques de fanfarra repetidos pelos ecos na sugestiva "Alvorada" de Carlos Gomes.

E os versos "ao violinista F. Muniz Barreto Filho?"... e a "Canção de Gounod"... e os "Versos para música" etc....?

No shakespeariano poema "Boa Noite" (que mais tarde devia sugerir à fantasia de Bilac os seus "Tercetos") a musicalidade de Castro Alves **chega ao extremo** de fazer cantar... o alito da sua musa!...

Julietta do céu! Ouve... a "calhandra"
Já **rumoreja o canto** da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi
[mentira,
Quem cantou foi teu alito, divina!

e mais adiante, comparando o seio da sua amada a uma lira tremente a um órgão arcano: ele canta:

Mulher do meu amor! Quando aos
[meus beijos
Treme tua alma **como a lira ao vento,**
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escala de suspiros bebo atento!
Ai! **canta a cavatina** do del'rio,
Ri, suspira, soluça, aneia e chora...

e temos a visão de Tristão e Isolda loucamente abraçados mentre o "leitmotiv" do **filtro de amor**, soluça na orquestra. E o Poeta conclue num suspiro: "Boa noite Consuelo" que, aqui, é a sensual Eugenia Camara (a sua Isolda), enquanto que a "Consuelo" da musical poesia omônima, é a bela e incorrutível cantora italiana Agnese Murri, a criatura que, talvez, mais intensamente se vel e fatal atriz. Isto, devido principalmente

insinuou no coração do Vate depois da volú à música pois, se a Camara com as suas canções tinha eletrizado no teatro o jovem estudante, aquela, graças ao seu virtuosismo canoro, contribuiu a mitigar os derradeiros sofrimentos de Castro Alves juntamente com a sua doce irmã a quem ele pedia seguidamente tocar no piano as melodias mais lindas, as harmonias que mais evocavam os seus versos imortais, aliviando-lhe as dôres num embalo suavíssimo. Eis como se dirige a sua irmã:

...quando a esponja de fel embebebe
[me a lembrança...
...Levantas-te de leve, ó límpida cri-
[ança!...
E deixas tuas mãos correrem no
[piano...
Ai!... toça! Enche de som o derra-
[deiro dia
Daquele que só tem... por sonho —
[uma harmonia!
Por única riqueza... a ti.. e ao teu
[piano!

O autor de "Espumas flutuantes" enca-beçou o poema "Boa noite" com versos de Shakespear e os seus "Murmúrios da tarde" com outros de Alfred de Musset; versos bel'ssimos que, porém, nessas composições resultam superados pelo gênio que, na ocasião do seu recente 95.o aniversário natalício, foi como nunca exaltado em todo o País através da Imprensa e das ondas radiofônicas para que o mundo saiba: a grandeza do Brasil não existe apenas nas suas manifestações folclóricas populares, mas também e essencialmente nas fulgurancias da sua grande Arte, daquela Arte que Castro Alves simboliza como sua máxima expressão pois que a sua obra requintada e grandiosa encerra toda a poesia, toda a música, todas as paisagens da radiosa terra de Santa Cruz!

Um pouco de mitologia

Para a "Resenha Musical"

entres os Gregos

Ondina F. Bonora de OLIVEIRA

"... os gregos acreditavam que a musica era um donativo especial das divindades. As origens da musica grega se perdem na superstição. As tradições colocam deuses, semi-deuses e heróis míticos inventados instrumentos e obras musicais" (Mario de Andrade).

Isso era o resultado da influência da religião dos gregos, que era politeísta, pela qual substituíram o antigo panteísmo dos Aryas.

Divinizaram todas as forças da natureza, e a sua imaginação viva e fantástica emprestou aos deuses as mais belas formas tirando estas da natureza humana. É o que a ciência denomina antropomorfismo.

Cada deus tem a sua história, a sua família e a genealogia. É o que eles chamavam mitologia e teogonia.

Além dos deuses, os gregos tinham os semideuses e diversas criações sobre naturais com as quais povoavam os rios, os bosques, os mares, os rochedos, as cavernas, etc., recebendo em cada um destes pontos um nome próprio e tendo a sua feição especial. Cada cantão, cidade ou aldeia, também tinha seu deus local.

Na poetica mitologia da Grécia, na história das divindades pagãs, a musica entra em grande parte, assim é que:

Minerva, Pallas ou Athena, filha de Ju-

piter, deusa da sabedoria e de todas as artes;

Apolo ou Phebo, o sol, deus do dia, da musica da poesia, das artes e ciências, era filho de Jupiter e de Latona. Escreve Martins Fontes, o fino poeta paulista, num dos seus magníficos sonetos:

"E, entre Poetas e heróis, de lira ao colo,
Engrinaldada a fronte, ao sol de Eleusis,
Canto a impecável plastica de Apolo!"

Representa-se Apolo sob a forma de um formoso mancebo imberbe, coroado de louro, com longos cabelos cercados de uma aureola luminosa, e tendo na mão ora um arco, ora uma lira. É considerado o inventor da lira. O seu arco e lira, foram roubados por Mercurio, deus do Comercio, da Eloquência e dos Ladrões. Da lira serviu-se Apolo para adormecer Argus, a quem Juno confiara a guarda de Io, que Jupiter amava, transformada em vaca. Na musica grega, o nomos Polito, era dedicado a este Deus.

Orpheu, cantor da Thracia, e aos sons de cuja lira os homens se civilizaram, e cujos atraíam a si as cousas inanimadas e faziam com que os rios se detivessem em ouvir a sua musica. Com o seu canto, Orpheu não só vence as Eunerides do Averno, mas a própria morte, conseguindo arrancar-lhes a doce Euridice, sua esposa.

Dionisio, deus do vinho (Bacco), é honrado com o nómos ditirambo, "canto circular"; o homenageado fica no centro e os cantores entoam em redor —, que, com o tempo dará origem à poesia dramática à tragedia. Em honra ao deus Dionisio, eram realizadas em Atenas, as festas chamadas Dionisiacas:

Pan, era filho de Hermes e da filha de Dryops, ou de Jupiter e de Hymbris, ou de Hermes e de Penelope. Desde pequeno tinha um corpo muito extraordinário; era cornigero, tinha barbas de bóde, orêlhas muito pontudas, o nariz adunco, uma cauda bastante comprida, e pés de cabra. Era o deus das florestas, dos prados e dos pastores, e protegia por conseguinte os rebanhos, os caçadores, as abelhas, os pescadores; inventou um instrumento de musica chamado Syrinx ou flauta de Pan, juntando sete canudos (Virgílio: "Pan primus canamos cera congener plures, Infruit..."). Tocava muito bem este instrumento, ensinou outros a toca-lo, e gostava muito do canto e da dança. As moedas antigas e os vasos do tempo da republica romana apresentam frequentemente a figura inteira deste deus; é um homem, tendo na mão a flauta e o baculo de pastor. A escola do escultor grego Praxiteles introduzira o tipo dos pés de cabra, dos páos inteiramente formados e do nariz recurvado; debaixo desta forma, figura como dansarino ou como

gracioso da côrte de Dionisios. Dedica o primoroso poeta paulista Martins Fontes, um dos seus sonetos a este deus, ei-lo:

"Syrinx, um dia, numa fragil planta
Se muda. E Pan que, ancioso, a perseguia,
Faz desse calamo uma flauta esguia,
E, ao luar da Arcadia, entre loureiros, canta,

Na pastoral de magica harmonia,
Ha tais misterios, a beleza é tanta,
Que do bosque inteiro, em côro, se le-
[vanta,
Interpretando a musica sombria.

Pan reproduz a criação dos mundos!
Na sua vóz sorriem primaveras
E soluçam os ventos iracundos!

Nela se escuta o carrilhão das eras!
Ouvem-se os organs que, nos céus pro-
[fundos,
Cantam a sinfonia das espheras!"

Mercurio, que descobre a cítara de quatro cordas, no tempo de Moisés, no Egito.

Marsyas, que entre outros, inventou a flauta.

Demódoco, musico, perito tangedor da lira, da ilha dos Pheaces(Corcyra ou Corfú), na Odisséa;

Iopas, um grande musico de Africa, e celebre tangedor de cítara. Vivia na Grecia onde ensinava esse instrumento.

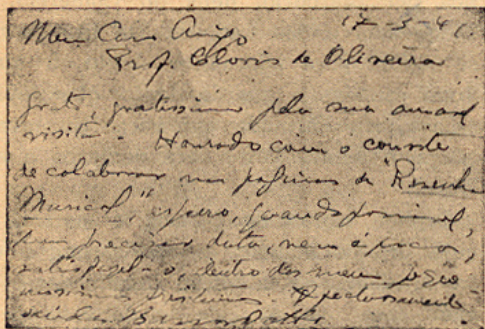
Euterpe, musa, que inspirava aos musicos;

Terpsichore, musa, que presidia a dança;

Amphion, contam os poetas que foi

Amphion um musico tão excelente, que cantando e tocando a sua viola, o seguiram as cousas insensíveis, como pedras, páos e outros objetos semelhantes, e que desta maneira ajuntou a pedra com que fez os muros de Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes ou Tiva; e por esta razão os poetas a chamam Amphionea;

e assim cada um destes deuses tinha a sua orbita especial de funções e todos obedeciam a Zeus, o deus dos deuses. A morada dos deuses era o Olympo — Célo — céu.



Um cartão amigo dirigido ao diretor da "Resenha Musical", pelo saudoso compositor Barroso Neto



Escreve o
notável com-
positor e re-
gente brasi-
leiro

Francisco
Mignoni

"De ha muito venho acompanhando a magnífica orientação artística e cultural do mensário "Resenha Musical". Cumpre-me felicitá-lo, e, ao mesmo tempo, reitero todo o meu apôio a tão honesta e util publicação que vem preenchendo, em grande parte, a lamentavel lacuna existente no Brasil em fato de boas e criteriosas revistas musicais tão uteis ao nosso incipiente mundo da arte dos sons".



USAI
NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,
CAVAQUINHOS,
BANDOLINS,
E GUITARRAS

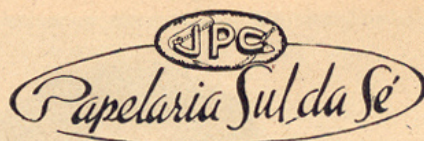
AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

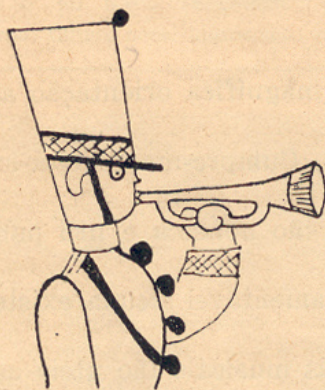
PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFACIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —
(para piano — duas mãos)



"A mais linda estilização dos nossos
batalhões infantis"

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de "RESENHA
MUSICAL" ou às melhores casas de
— música —



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40
Fone 2-2336 — S. PAULO
RUA FREI GASPAR N.º 39
Fone 4-476 — SANTOS

Correio do Rio

Lorenzo Fernandez e o 3.º Concerto da Série Oficial

Para a Resenha Musical

Eurico Nogueira FRANÇA

O concerto sinfônico realizado a 6 de agosto na Escola Nacional de Música, sob a regência do compositor Lorenzo Fernandez, em prosseguimento à série organizada pelo Conselho Técnico daquele estabelecimento, assumiu, pela expressiva autoridade de quem dirigia a orquestra, um sentido nitidamente cultural. Mereceria, até, sob esse aspecto, suscitar outras tantas realizações análogas, que permitissem a Lorenzo Fernandez, com muito mais frequência, fazer ouvir um panorama ampliado de música sinfônica, de molde a espelhar o senso de equilíbrio, de proporção e segurança, que são característicos sem dúvida alguma marcantes, na própria personalidade do criador do "Imbapara".

Compositor que é, ao mesmo tempo, o miniaturista de algumas obras primas do nosso cancioneiro erudito e autor de painéis sinfônicos dos mais vigorosos da música nacional, Lorenzo Fernandez, sem ser regente de carreira, tem, no entanto, em virtude do exigente espírito crítico e perfeito bom gosto que possui, muita coisa importante a apre-

sentar em matéria de música para orquestra. Talvez, no seu culto a Wagner, já se distancie da mais recente geração, pois a atualidade de Wagner entrou em evidente declínio, face a Mozart, a Haydn, aos autores modernos. Não por simples razões políticas, está claro, porém, da mesma forma que a tempestade wagneriana obliterou o gosto em relação aos clássicos, — Mozart, principalmente — o qual, segundo Boschot, seria tido então como "previsto e ingênuo", a volta aos clássicos, hoje, faz Wagner parecer, de cada vez, desvairadamente romântico. E isso apesar da extraordinária riqueza, especificamente musical, do gênio de Bayreuth. Mas o músico que, como Lorenzo Fernandez, se embebedou de Wagner aos vinte anos, adquire para toda a vida uma "aisance" perfeita dentro da orquestra, ou na sua direção.

Esse domínio é que ficou mais uma vez patenteado, com a apresentação do belo programa do referido concerto sinfônico.

Iniciando-se e concluindo sob o signo wagneriano.

neriano (Prelúdio do 3o. ato de **Lohengrin** e **Cavalcada das Walkirias**) apresentava, na primeira parte, Borodine — **Nas Steppes da Asia Central** — Saint-Saens — **Dansa Macabra** — e dois autores brasileiros: Lorenzo Fernandez, com o Interlúdio do 3o. ato do **Malazarte** e Nepomuceno, com o brilhante e precursor **Batuque**, da “**Suite Brasileira**”. A platéia reagiu de maneira entusiástica, concedendo longos aplausos a todos esses números e, principalmente, à composição de Lorenzo Fernandez, cujo sucesso esteve à altura daquele obtido pela ópera inteira, por ocasião da sua estréia, ano passado, no Teatro Municipal.

Manteve-se a orquestra sensível à regência, disciplinada, coesa e é mesmo pena, como acentuamos acima, que Lorenzo Fernandez não tenha ensejos de trabalhar com outra assiduidade na direção da mesma.

Decididamente, torna-se necessário, no Rio de Janeiro, a criação dum conjunto orquestral que receba subvenção do Estado, e que se dedique só e só à música sinfônica. O caso de Lorenzo Fernandez é um exemplo do que ocorre também com outros compositores brasileiros. E ao compositor do “**Reisado do Pastoreiro**” cabe, de modo particular, uma função eminente a desempenhar em nosso cenário musical, não apenas no setor da criação, mas ainda como autêntico professor, e dos mais exemplares com que conta o ensino de música no Brasil. Nessas condições, podemos avaliar sua atividade na regência como a projeção de uma complexa individualidade artística no terreno interpretativo, devendo merecer por isso amplos estímulos e facilidades por quem de direito.

Na segunda parte do programa a brilhante pianista brasileira Ana Carolina, executou com a orquestra, o “**Concêrto**” de Schumann, que é uma obra maravilhosa e de transcendente dificuldade técnica. O piano de Schumann, tal como o de Brahms e Chopin, atinge alto grau de interesse e põe em equação extraordinária soma de proble-

mas técnicos. Além disso, tratando-se de um Concêrto para piano e orquestra, a questão do volume sonoro tem que ser resolvida com todo o cuidado, para que o solista, em certas passagens, não se deixe abafar pela massa orquestral. Foi o que ocorreu, em alguns momentos, com Ana Carolina, contribuindo para isso, sem dúvida, a péssima acústica do salão de concertos da Escola Nacional de Música. Logo a seguir, porém, a pianista deixava evidente a bravura natural de que é dotada, e uma virtuosidade que atingiu um plano bem apreciável de desenvolvimento, apesar de, a cada entrada, não seguir com absoluto rigor o andamento da orquestra “ralletando” de maneira bem perceptível. Trata-se, no entanto, de uma obra monumental, e sua audição, apesar dos senões apontados, constituiu fato digno de registro na presente temporada de concertos.



Maestro Francisco Braga, o grande músico brasileiro, entre os diretores da “**Resenha Musical**”

Lowell Mason - Compositor Pioneiro

Tradução de Angelo Zanini, Diretor Administrativo do Departamento Estadual do Trabalho, de São Paulo, para a "Resenha Musical".

Mary Browning SCANLON
(Transcrito da revista "Music Educators Journal Chicago")

"Minha pátria, é, isto, de ti; doce terra da liberdade, de ti eu canto" — foi, pela primeira vez, cantado em público pelos meninos do câro da Igreja de Park Street, de Boston, de 4 de julho de 1831. A letra fôra escrita pouco tempo antes por Samuel Francis Smith, que então contava 18 anos de idade e era estudante do Seminário de Andover.

Como diretor do Câro, Lowell Mason pediu ao jovem Smith para traduzir os textos de alguns cantos ou escrever alguns versos originais para a música de um livro de canções, a ser usado pelos coristas e pelas escolas. Entre as coleções de árias que Mason puzera nas mãos de Smith, encontrava-se uma pela qual o menino se interessou particularmente.

Pouco depois, Smith escrevera: "Eu relancei os olhos pelas palavras alemãs e, vendo que elas eram patrióticas, imediatamente fiquei entusiasmado para escrever "AMÉRICA". Em uma hora e meia os versos estavam prontos e duas ou três semanas mais tarde foram cantados numa festa patriótica. Tal como a conhecemos, a canção foi primeiro publicada em 1832 no "Câro ou Coleção da União" de Mason. O câro infantil da Igreja de Park Street era ape-

nas um, dentre os muitos estabelecimentos dirigidos por Lowell Mason, durante mais de 60 anos de incansável atividade dedicada ao desenvolvimento musical e cultural deste país.

Jovem, aos 16 anos, tocava órgão e dirigia o câro na linda Igrejinha colonial da sua cidade natal de Medfield, Massachusetts. Seu primeiro ensino sistemático fê-lo em Savannah, Georgia, para onde se trasladou aos 20 anos e onde, fora das horas de trabalho no Banco, empregava seu tempo em exercitar um câro de uma escola dominical e ensinar em escolas de canto, nas localidades próximas. A experiência, então ad-Society Collection of Church Music", de que milhares de exemplares se venderam em 21 ou 22 edições.

A' vista disso, dedicou-se à tarefa de coligir, arranjar e escrever árias de hinos e de canções que fornecessem material de melhor qualidade do que o disponível. Preparando-se para essa tarefa, fez profundo estudo de harmonia e de contra-ponto com vários professores, dos quais o mais notável foi Frederick L. Abel, nascido na Alemanha. No decorrer do tempo, Mason, com o auxílio de Abel, acumulou uma coleção de manuscritos de árias, tão grande que a

idéia de publica-la veio por si mesma. Durante dez anos, Mason coligiu material para o seu primeiro livro "Handel and Haydn Society Collection of Church Music", de que milhares de exemplares se venderam em 21 ou 22 edições.

A lista completa de livros de canticos, sacros e seculares, que se seguiu a esse livro, enumera mais de cem. Desses livros, dezesseite eram destinados às crianças, dez dos quais continham canticos profanos, e os outros sete eram canticos para as escolas Sabbath. O primeiro desses livros para crianças foi publicado em 1829 e tinha por título "The Juvenile Psalmist". Dêle se diz que foi o primeiro livro de Música para escolas dominicais, publicado na América. Breves afirmações filosóficas, expondo a crença de Mason na Educação Universal Musical enchem o prefácio da 2.^a edição, publicada em 1830. Disse êle:

"Tem sido crença quasi universal que a Providência distribuiu os poderes particulares, necessários ao cultivo feliz da arte do canto, com mão tão desigual que os poucos favoráveis se tornam músicos sem dificuldade e quasi sem instrução ou esforço, ao passo que, para a maioria atingir habilidade musical de grau valioso, é quasi inteiramente impossível. Com essa suposta decisão da Providência, a humanidade geralmente concorda e consente que essa arte fique na posse de poucos, não porque isto se olhe como de pouco valor, mas porque se considera isso como inatingível".

No mesmo prefácio, achamos o seguinte:

"Isso (a música) é meio importantíssimo de demonstrar sentimento de devoção na adoração de Deus e é muito mais forte nos seus efeitos naqueles que a exercem, do que naqueles que meramente a ouvem".

"The Juvenile Lyre", escrito em colaboração com Elam Ives, Jr., e publicado em 1830, foi o segundo livro para crianças. O prefácio indica que Mason, mesmo nos primeiros degraus da sua carreira, possuía largueza de visão, como se vê:

"Tem sido justamente observado que as baladas de um país têm mais importância

do que as leis; e numa terra em que as leis e o governo se baseiam no carater do povo, torna-se de inconcebível importancia que todos os caminhos para a consciência e o coração sejam vigiados pela virtude e pela piedade. E' com a esperança de contribuir para esse resultado que estes canticos vêm a público".

Em ambos os pequenos volumes "The Juvenile Psalmist" e "The Juvenile Lyre", os cantos são arrançados para duas partes, com um baixo opcional, que é usualmente marcado "Instrument", o que dá às crianças experiência na participação e na audição a três partes da harmonia, num grau inicial de aprendizagem.

Muitos livros para crianças e jovens de todas as idades, desde as escolas primárias, até as superiores, seguiram-se à aparição dos dois primeiros.

Notam-se: "Sabbath School Songs", 1833; "The Sabbath School Harp", 1836; "The Juvenile Singing School", 1837; "The Juvenile Songster", 1838; "Juvenile Music for Singing Schools", 1839; "The Boston School Song Book and Little Songs for Little Singers", 1840; "American Sabbath School Singing Book", 1843; e "Song Book of the School Room", 1845, o último compilado em conjunto com George James Webbe, fino músico inglês, associado de Mason durante vários anos. O "Primary School Song Book", também por Webb e Mason, foi, igualmente, publicado em 1845. "The Choralist", publicado em 1847, fôra escrito por Mason somente. Em 1856 apareceu seu "Normal Singer" e em 1860 "The Sabbath School Hymn and Tune Book".

O aparecimento de "The Song Garden", uma série de três livros em 1864, indica a necessidade de materiais elementares de mais ampla organização, mesmo nessa época. Essa é a única série escrita por Mason, que apresenta alguma semelhança com as séries atuais de livros para escolas.

Os três livros estão organizados de modo progressivo, mas cada um dêles completo por si mesmo. O primeiro da série contém canticos simples e bonitos, ao lado de exer-

cícios elementares, destinados aos principiantes. O segundo fornece material de grau mais adiantado, com os elementos da música e notações explicados mais claramente. Aí se introduziram "rounds" como primeira experiência na parte de canto. O terceiro livro inclui cantos ainda mais adiantados, alguns dos quais arranjados para quatro vozes. Cada livro contém desenvolvidos roda-pés sobre assuntos como: derivação dos termos musicais, transposição, modulação, enfeites, dinâmica e importância do ensino de solfejo nas aulas de canto. As notas são evidentemente destinadas ao professor e sem dúvida serviram realmente de manual do professor para o material de canto que elas acompanhavam.

A série foi escrita dando-se cuidado especial à imaturidade vocal da criança, à vocalização inicial, ao progresso na leitura e ao apreço e ao amor dos apreciadores e dos bons. Não há indicação dos anos escolares a que se destinavam os livros, mas o conteúdo mostra que foram escritos para os graus elementares, intermediários e pré-superiores. Há muitos cantos arranjados para modulação de vozes, dentro de amplitude limitada.

Um dos livros de Mason, que se coloca em primeira plana e mesmo assim tem alcance sobre todos os livros mencionados acima é o "Boston Academics Manual of Vocal Music", publicado pela primeira vez em 1834. A Academia Musical de Boston fôra fundada dois anos antes, a princípio com o fito de ensinar as crianças a cantar por música. O "Manual" de Mason fôra publicado para "preparar o caminho e ser o meio de introduzir método grandemente melhorado de ensinar música vocal"; era recomendado a "professores de música, instrutores das escolas primárias, chefes de família e a todos que desejarem adquirir e transmitir um profundo conhecimento dos princípios elementares da música vocal".

Esse livro apresentava, pela primeira vez na língua inglesa, as teorias pestalozzianas de educação aplicada à música e conjuntamente com os contínuos escritos e ensina-

mentos de Mason, tornou-se tão amplo na sua influência que o pestalozzianismo veio a ser extensivamente, embora erroneamente, considerado como método de instrução musical, ao vez de método de igual aplicação a todos os ramos do ensino.

Os métodos de Mason eram mais rigorosamente exatos e filosoficamente justos do que os adotados nas escolas estrangeiras, onde se originaram. O próprio Pestalozzi, se bem que perfeitamente convencido do valor da música como meio de desenvolvimento moral e intelectual, não era lá muito sistemático ou prático no aplicar as próprias idéias sobre o ensino.

As suas teorias destinavam-se a ser práticas por outras de mais paciência, tato e habilidade.

Mason levou as sugestivas teorias de Pestalozzi mais longe talvez do que qualquer professor, antes dele.

Dentre os numerosos livros publicados por Lowell Mason e seus colaboradores, alguns devem ser mencionados aqui, como por exemplo: "Boston Glee Book" (1838); "Gentlemen's Glee Book" (1841); "Twenty-one Madrigals, Glee and Part Songs" (1843); "Young Men's Singing Book" (1856); "Vocal Exercises and Solfegios" (1846).

Numerosos outros, tanto sacros como seculares, continuaram a aparecer até 1871, ano anterior ao falecimento de Mason. Algumas bibliotecas neste país contêm exemplares dos livros de Mason para crianças e jovens, cuidadosamente conservados. Os cantos que eles contêm são, em si mesmos, estudos fascinantes. Alguns deles, ainda hoje são cantados por crianças, mas também muitos ha encantadores, que se acham inteiramente esquecidos.

Durante muitos anos, Mason compôs cantos e áreas de hinos, acima de 1.100, e ao mesmo tempo escrevia prolificamente sobre muitas fases do ensino musical. Centenas de pessoas aprenderam dele a arte de cantar e de ensinar, quer pessoalmente, quer através de seus escritos. As duas últimas décadas da sua vida, viveu-as em Silver

N. da R. — Seguem-se diversas canções escolares, que deixamos de publicar por falta de espaço.



● Com o intuito de fomentar o estudo da música a biblioteca publica de Springfield, em Massachussetts, nos Estados Unidos, aluga à sua clientes discos fonográficos; e que aquela biblioteca possui mais de 20.000 gravações musicais de todos os gêneros.

Tabacow deverá ir, sim, não como competidor, mas como, mais um obreiro da nossa reputação artística, tão nobremente elevada pela grande Guiomar Novais.

Dois Grandes Pianistas Russos - amigos do Brasil



Mieczysław Horzowski



Alexandre Borowsky

CONCERTOS

SARAU LXIV DA SOCIEDADE BACH EM 27-8-42 — O concerto deste mês despertou enorme interesse entre os seus associados, pois que se apresentava a ocasião de ouvir um pianista de notável sensibilidade artística — Henry Jolles.

Tocata em ré m. e Tocata em ré M. para piano, de J. S. Bach, foi o que ele nos ofereceu em interpretação admirável, conseguindo dar, graças ao seu completo domínio do teclado, todas as características próprias de vivacidade e virtuosismo, destas formas musicais.

Fez-se ouvir o conjunto vocal, e pela 1.ª vez o instrumental, ambos sob a regência de M. Braunwieser.

Com satisfação consignamos aqui o esforço que representa a organização de mais um conjunto instrumental e que por certo trará notável contribuição para o meio artístico de nossa capital.

Artur de Melo Godói



H O B

pinta para as
vítimas da
guerra

Hob está residindo em São Paulo.

Trabalha intensamente.

No Rio expôs no Museu de Belas Artes e em São Paulo ainda nenhuma vez. Nem por isso é desconhecido nesta Capital. Seus quadros são imprescindíveis em as nossas galerias. O pintor musicalista, como é bastante conhecido, hoje, compreendendo a necessidade de que todos devem envia-
vidar esforços para o auxílio aos que lutam por um mundo livre, por um futuro bonan-
so em que a justiça e a ordem sejam o seu grau de vida, hoje, Hob pinta para as vítimas da guerra, oferece assim, com a sua

arte, o seu quinhão valioso à **Cruz Vermelha Britânica**, à qual já entregou muitas de suas famosas telas. E agora Hob vai tam-
bem pintar para **Cruz Vermelha Brasileira**, disso estamos certos, porque o artista ex-
tende as suas mãos armadas de pincel e pa-
lheta, como espada e escudo, afim de de-
fender com a força de sua arte os que so-
frem feridos pela brutalidade da guerra que
ensanguenta o mundo, dando aos enfermos
heróis, a migalha da sua concepção artís-
tica, deita aos cofres da Cruz Vermelha,
instituição benemerita abençoada por Deus,
a sua expressão convicta na vitória da cau-
sa da Democracia!

Sobre "Um Tema e Tres Obras"

Cecília Meireles, a grande poetisa brasileira, autora de "Viagem", livro pre-
miado pela Academia Brasileira de Letras, de "Vaga Música" e outras obras, enviou
ao Sr. Genésio Pereira Filho, autor de "Um Tema e três Obras", uma carta, de que
destacamos o seguinte trecho:

"Lí o seu livro, que me interessou muito. Interessou-me como "método de tra-
balho", coisa que vem faltando à nossa crítica. Interessou-me como "atitude" —
porque o crítico tem de ser um homem sereno, com a capacidade de sentir e a de
julgar em perfeita harmonia."

Felicito-o vivamente por se ter animado a estudar assunto bastante difícil, indo,
até à conclusão, fiel ao princípio que o orienta — e que exalto — de compreender
com insensação".

Morreu Pedro Alexandrino

Uma triste notícia correu na noite de 19 de julho, pela cidade. Pedro Alexandrino, o mestre insigne da Natureza Morta, o grande pintor que tanto brilho dava às artes plásticas paulistas, acabava de falecer, rodeado de sua veneranda esposa e de raros amigos, em sua residência, nesta capital.

Pedro Alexandrino, pertencia a uma das mais luzidas gerações de artistas plásticos brasileiros, daquela que tanto enriquecera o patrimônio artístico do país e o seu nome glorioso transpusera as lindas pátrias, tornando-se conhecido em quase todo o mundo.

Aos setenta e oito anos, o mestre incomparável ainda frequentava Salões oficiais, neles expondo os seus quadros que os colecionadores e proprietários de galerias disputavam a peso de ouro.

Ainda este ano, no VII Salão Paulista de Belas Artes esteve ele representado por um dos seus magníficos quadros do gênero em cuja execução o notável paulista se tornara "primus inter pares".

Parecia que quanto mais se curvava para a terra o seu corpo frágil de ancião, mais se revigorava o seu espírito e mais vivo se fazia o fogo sagrado no seu coração. E Alexandrino trabalhava, trabalhava, desde que o sol se erguia até que as primeiras trevas da noite o obrigavam a abandonar palheta e pincéis.

DADOS BIOGRÁFICOS

Pedro Alexandrino Borges nasceu nesta capital, a 26 de Novembro de 1864.

Desde meninote começou a trabalhar como pintor de paredes, quer nesta capital quer em Santo Amaro.

O seu pendor para as artes plásticas era uma força irresistível que o impelia para o estúdio da pintura de cavadete.

Os seus primeiros quadros, ingênuas paisagens, pintados ainda quando adolescente, são ainda hoje conservados com amor em alguns solares paulistas, nos quais a arte tem seus devotos.

O primeiro mestre de desenho e pintura que Pedro Alexandrino Borges teve foi Almeida Júnior, o gentil pintor paulista, que lhe guiou os primeiros passos na carreira que abraçara.

Em 1887, Alexandrino partiu para o Rio de Janeiro e naquela capital matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes.

Em 1894, o talentoso pintor paulista conquistava a medalha de ouro de 3.^a classe e em 1896 conferiu-lhe o Juri do Salão Nacional a medalha de ouro de 2.^a classe.

No ano seguinte Pedro Alexandrino partia para a Europa, onde, na França, estudou com os notáveis artistas franceses René Chretien, Antoine Volon, Fernand Cormon e Guinelat.

De Chretien recebeu o influxo artístico, tornando-se um continuador insigne da obra do mestre no difícil gênero em que aquele se notabilizara, a Natureza Morta.

Em Paris Pedro Alexandrino expôs com êxito no Salon, tendo conquistado renome e prestígio no Velho Mundo.

Desde os seus primeiros triunfos no Velho Mundo as suas Naturezas Mortas começaram a ser disputadas na Europa e na América.

O Museu Nacional de Belas Artes, a Pinacoteca do Estado de S. Paulo e outras grandes Galerias de Artes, oficiais ou particulares guardam ciosamente quadros do pintor paulista, cuja morte o Brasil agora pranteia.

"PERÓ DEPENADO", "FLORES E DOCESES", "ESPARGOS" além de outras, são obras que valem por um incontestável credencial do valor do artista, que tanto renome conquistou.

Pedro Alexandrino era casado com a sra. d. Candida Moreira Alexandrino Borges, não tendo filhos desse consórcio.

Era o extinto oficial da Academia de Paris; Comendador da Ordem da Corôa da Itália; e detentor das Grandes Meda-

lhas de Honra do Salão Paulista de 1933 e do Salão Nacional de Belas Artes de 1942.

MORREU PEDRO ALEXANDRINO OS FUNERAIS

Os funerais do ilustre artista patricio foram realizados às expensas do Governo do Estado.

— A diretoria da Escola de Belas Artes de São Paulo determinou a suspensão das aulas do estabelecimento em homenagem à memória de Pedro Alexandrino.

— A diretoria da Pinacoteca do Estado, por determinação do dr. Rodrigues Alves Sobrinho, secretário da Educação, hasteou a bandeira nacional em funeral.

— Acompanharam os despojos do ilustre patricio os srs. tenente Costa Júnior, representante do sr. Fernando Costa, Interventor Federal; Tito Franco da Rocha, representando o sr. Prestes Maia, prefeito da capital; representantes das demais altas autoridades; diretores da Escola de Belas Artes, do Conselho de Orientação Artística de S. Paulo, da "Resenha Musical", além de grande número de artistas, jornalistas e pessoas de destaque da sociedade paulista.

"Resenha Musical"

Assinatura anual 20\$000

Semestral 12\$000

Caixa Postal 4848 — Telefone 5-5971

— SÃO PAULO —

Apólices Populares Paulistas

Relação das apólices premiadas no 29.o sorteio ordinário, realizado no dia 30 de Setembro de 1942, conforme ata da Bolsa Oficial de Valores, publicada no «Diário Oficial»:

1.o PREMIO — 103427 — Quinhentos contos de réis
 2.o PREMIO — 774569 — Cinquenta contos de réis
 3.o PREMIO — 782140 — Dez contos de réis

40 PRÊMIOS DE 1:000\$000 CADA UM, SOB NÚMEROS:

005309	315731	523721	792047
018894	325909	548871	811882
086340	398655	549204	830879
089134	425330	566023	851879
109812	436955	570944	851977
136839	464795	576734	904634
175214	465242	669937	919623
179325	485221	688746	930159
204144	490746	711480	996053
257345	520638	732395	997836

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no «guichet» de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 31 de Dezembro de 1942, com a distribuição de Rs. 1.200:000\$000 em prêmios, sendo o primeiro de mil contos, o 2.o de cem contos, o 3.o de vinte contos, os 4.o, 5.o e 6.o de dez contos e mais 50 prêmios de um conto de réis.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

(SOCIEDADE ANÔNIMA)

(Banco oficial do Governo do Estado)

M A T R I Z — S ã o P A U L O

— A G E N C I A S : —

Amparo — Araçatuba — Avaré — Barretos — Batatais — Baurú —
 Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jabo-
 ticabal — Jaú — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte —
 Olímpia — Ourinhos — Palmital — Pirajuhy — Pirassununga —
 Presidente Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Santo Anastácio —
 São Carlos — São Joaquim — Santos.

DEPÓSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — COBRANÇAS
 — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — AS MELHORES
 TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES — SERVIÇO
 — RÁPIDO E EFICIENTE —

O

BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 3-7214

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO

Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR

Fone: 22-9054